

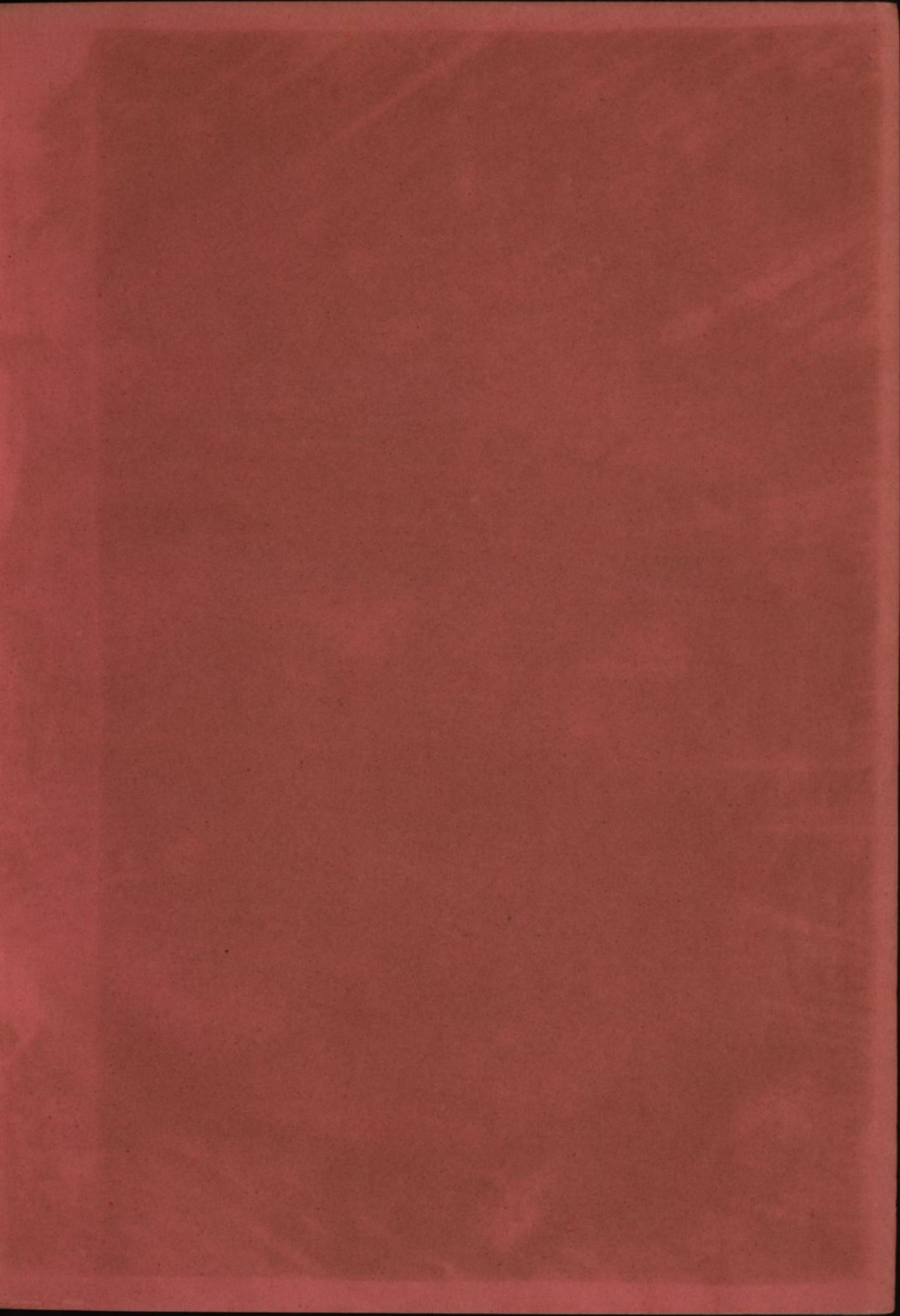
À Volta
DO MUNDO

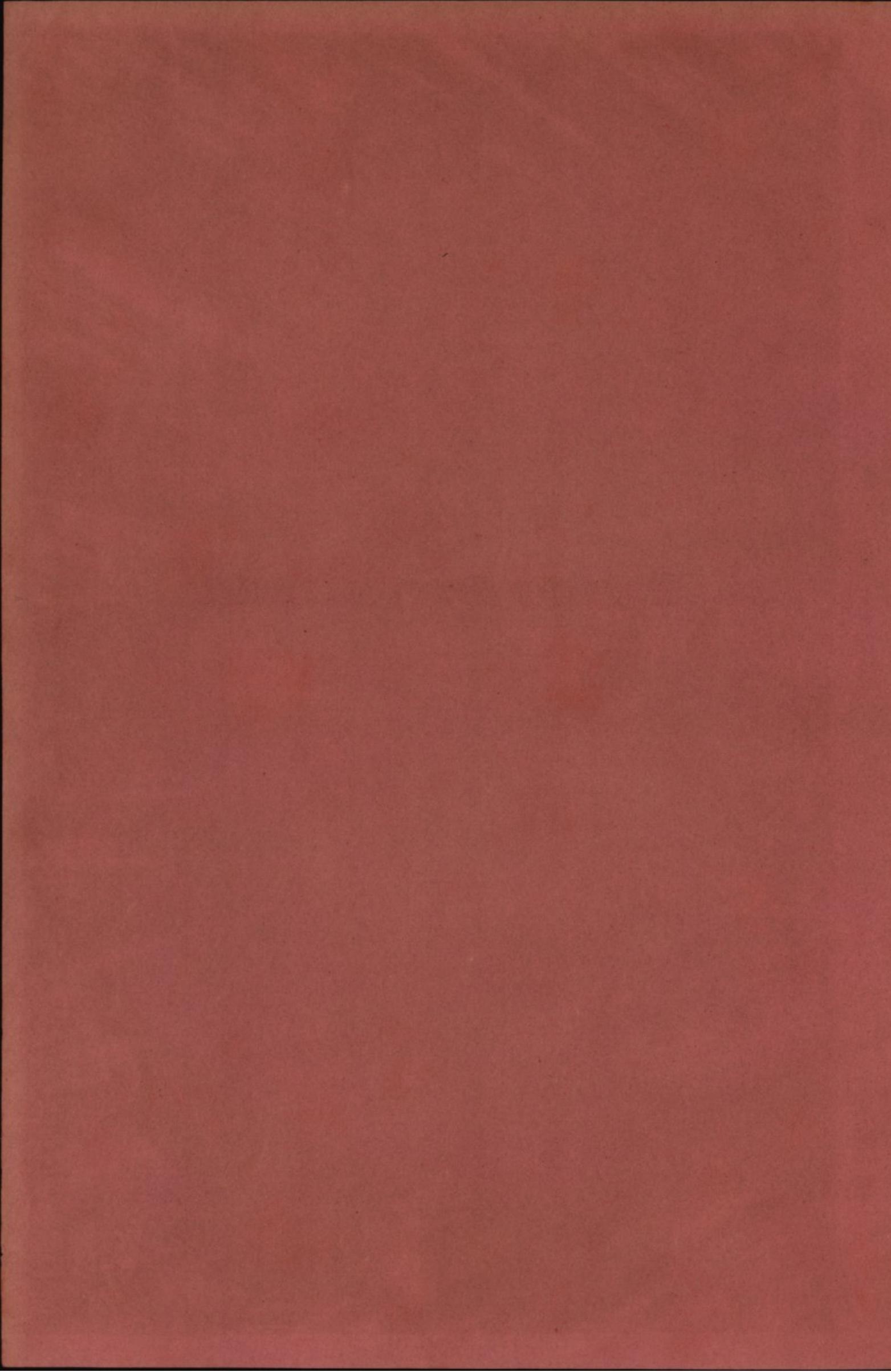
JORNAL DE VIAGENS
E DE ASSUMPTOS GEOGRAPHICOS



LISBOA
Empreza Litteraria Luzo-Brazileira-EDITORIA

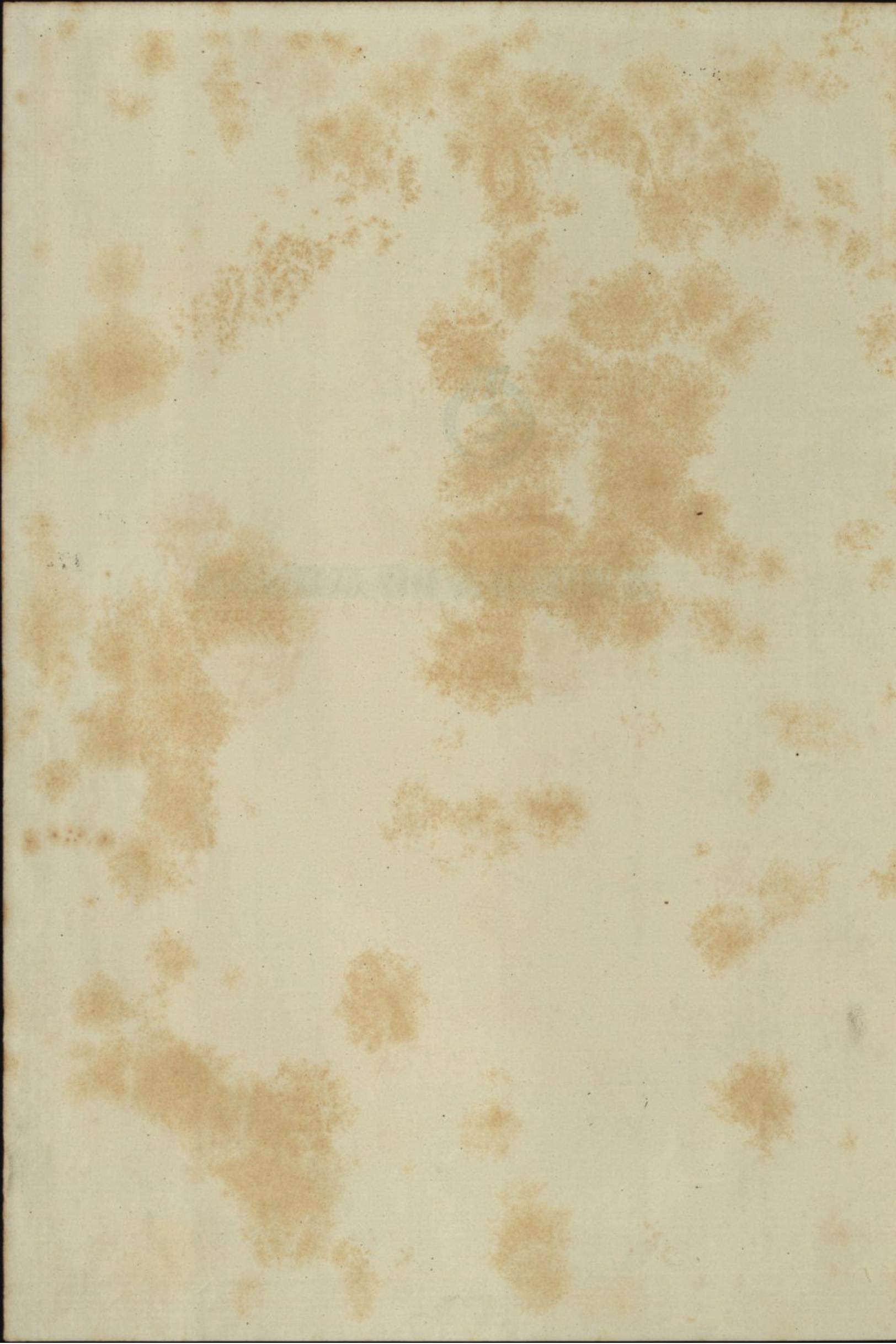
Sala B
Est. 1
Tab. 6
N.º 10







AYUDA AL MUNDO



INV. - N 3140

À VOLTA DO MUNDO

JORNAL DE VIAGENS E DE ASSUMPTOS GEOGRAPHICOS

ILLUSTRADO COM MILHARES DE GRAVURAS

Representando Paisagens, Cidades, Villas, Monumentos, Retratos, Historia Natural, Costumes de todos os Povos do Mundo, etc., e um grande numero de Cartas Geographicas, desenhadas pelos mais celebres artistas Estrangeiros e Nacionaes

Directores Litterarios

DR. THEOPHILO BRAGA E ABILIO EDUARDO DA COSTA LOBO

COADJUVADOS PELOS SNRS.

RICARDO D'ALMEIDA JORGE, DUARTE D'OLIVEIRA JUNIOR E AUGUSTO LUSO DA SILVA

DESENHOS PORTUGUEZES DE

Raphael Bordallo Pinheiro e Columbano Bordallo Pinheiro

COPIA DE PHOTOGRAPHIAS DE

CARLOS RELVAS

Publicação feita sob a protecção da Sociedade Portuense de Geographia



LISBOA

EMPRESA LITTERARIA LUSO-BRAZILEIRA—EDITORIA

DIRECTOR

A. DE SOUZA PINTO

MDCCCLXXX



OFERTA

-2. JAN. 1974

374

A VOLTA

D. O. M. I. L. A.



OPERA

JORNAL DE AGRICULTURA E DEBATES

DO INSTITUTO FEDERAL DE AGRICULTURA DE PORTO ALEGRE

RICARDO BASTOS DE ALMEIDA, DIRECTOR GERAL





A MÃE E AS FILHAS, ROCHEDOS DO MAR POLAR

A RUSSIA LIVRE

POR

MR. WILLIAM HEPWORTH DIXON.¹

1869

INTRODUÇÃO

SVOBODNAYA Rossia (a livre Russia) é um grito que, n'este grande paiz, se encontra em todas as boccas; é simultaneamente o nome e a esperança do império nascido pelo tempo da guerra da Crimeia. Antigamente a Russia era tão livre como a Allemanha e a França. Mais tarde foi invadida por hordes aziaticas, e, desde en-

tão, o systema tartaro perpetuou-se, senão no espirito, pelo menos na fórma até á guerra de 1853; mas concluido este conflicto a velha Russia transformou-se. Este paiz nascente que espera conservar a paz e que quer ser livre é o que eu tentei descrever.

As minhas viagens terminaram ha mui pouco tempo; fui do mar Polar aos montes Wrals, da embocadura do Vistula ao estreito d'Iénikaleh, sem contar as minhas vi-

¹ Mr. William Hepworth Dixon, nascido a 30 de junho de 1821, é actualmente o mais estimado dos auctores inglezes. As descripções das suas viagens na *Terra santa (Holy Land)* e na *America (New America)* tinham já feito apreciar a rigorosa

observação e a séria originalidade do seu espirito. O seu novo livro, *A livre Russia (Free Russia)* teve um exito ainda mais extraordinario. A traducção franceza de que vamos dar numerosos fragmentos está inedita.

sitas ás quatro romarias mais frequentadas no paiz: Solovetsk, Pechersk, S. Jorge, e Troïtza. Como me proponho a dar a maxima vida ao povo russo que eu vou fazer desfilar ante os olhos do leitor, fallar-lhe-hei muito em peregrinos, frades, padres, mendigos, vagabundos; em Cossacos, em Kalmouks, em Kirghiz; em corporações trabalhadoras, em direitos da burguezia, na divisão das terras; nas revoltas dos estudantes, nos soffrimentos do soldado, n'uma palavra: em todas as forças humanas que constituem a politica social do nosso tempo.

As minhas anteriores viagens por este paiz collocaram-me em condições d'apreciar a transformação, por que esta immensa nação está agora passando. O imperio de Nicolau, fechado á civilização por uma muralha da China, derroca-se, e sobre as suas ruinas vae-se pouco a pouco erguendo a livre Russia d'Alexandre II.

I

O EXTREMO NORTE

O mar Branco! exclamou o dinamarquez, capitão do barco, rindo e cofiando o magro bigode arruivado, o mar Branco; bem posto nome, na verdade; tem a côr da cerveja ingleza. O fundo talvez esteja branco, por estar atapetado com as ossadas dos que aqui teem naufragado, mas as aguas nunca teem essa côr, a não ser que a temperatura as congele e cubra de neve. Os marinheiros e pescadores chamam-lhe com muito mais razão — o mar de Gêlo.

Depois de termos dobrado o cabo Norte, massa de rochedos brancos e d'aspecto phantástico que entra pelo mar dentro, cortando as vagas espumantes do oceano Artico, singramos para o sueste batidos pelo vento, pela saraiva e pela chuva durante dois dias medonhos, em que não vimos nem o nascer nem o occaso do sol; ah! pela meia noute devisavamos qualquer coisa que se assemelhava á luz da madrugada, mas ao meio dia era sempre a mesma claridade indecisa, apenas sufficiente para tornar a treva menos densa.

Deixando atraz de nós a costa pittoresca, abundantemente recortada por pequenas ba-

cias e braços de mar, salpicada das altas montanhas que até então nos tinham acompanhado, costeamos uma praia sombria, em que nada havia a amenizar as linhas monotonas; tambem pouco nos pezou o só raras vezes a entrevermos por entre a densa nevoa que a envolvia. Cincoenta horas, pouco mais ou menos, d'esta recreativa excursão levaram-nos emfim junto d'uma terra que, pouco levantada acima do nivel do mar e meio perdida entre o nevoeiro, se estende ao longe para o sul, semelhando uma larga nuvem pardacenta. Passamos entre o cabo Kanin e a Ponta-Santa, *Siætoi-Noss*, nome que os nossos marinheiros, na sua linguagem caprichosa, transformaram no de *Sweet-Nose* (bonito nariz); em seguida entramos no *Corredor*, canal d'uma largura não inferior a trinta milhas que leva do oceano Artico á vasta costa russa, caprichosamente recortada pelo mar de Gêlo.

A costa, que, enquanto navegamos no estreito, se encontra á nossa direita, é a terra dos Lapões, triste paiz onde apenas se avistam escuros lagos e estereis dunas. Aqui e alli, n'estas solidões, alguns caçadores perseguem uma caça bem emagrecida; alguns raros pescadores deitam as suas redes nas aguas sem transparencia; são subditos do czar e observadores do rito orthodoxo todavia o seu dialecto não seria comprehendido no palacio d'Inverno e conservam umas praticas religiosas que ainda não foram sancionadas pelos altos dignatarios de Santo Isaac.

A Laponia nada mais é do que um montão de penedos enormes, de pantanos profundos e esverdeados; aqui e alli, por entre estes obstaculos, desenrola-se um valle sinuoso em que vegetam pobrememente os musgos de que os rangiferes se alimentam. Grupos de pinheiros e de betulas dão a esta paisagem austera alguma variedade, mas especie alguma de cereal se desenvolve n'estas frias regiões e os indigenas outros recursos não teem que não sejam a caça e a pesca. O pão de centeio, seu unico luxo, é-lhes expedido das cidades Onéga e Arkhangel, importando-o ellas mesmas das provincias meridionaes. Os Lapões são ainda nomadas; passam o seu inverno interminavel nas cabanas que constroem como melhor sabem; durante o rapido verão habitam tendas. As choças

de forma pyramidal são feitas de troncos d'árvores grosseiramente trabalhados; uma espessa camada de musgo torna-as impetráveis á agua gelada. As suas tendas fazem recordar as dos indios Comanches: são feitas de pelles de rangifer cosidas umas nas outras e estendidas em volta d'uma estaca; uma abertura feita no vertice serve de chaminé.

O Lapão transporta a sua habitação d'um para outro lugar conforme a estação; umas vezes apascenta as suas rennas nas encostas das montanhas; outras vezes pesca nos rios e ao longo das costas; no verão anda na terra firme procurando e colhendo musgos; no inverno chega-se ás praias de que se aproxima a phoca e o bacalhau. Os homens sabem tão bem manejar o arco, sua antiga arma nacional, como a espingarda mais tarde trazida pelos colonos que se vieram fixar entre elles. As mulheres, com as suas calças de pelle de phoca e com as suas tunicas de pelle de rangifer entregam-se pela maior parte ás artes magicas. Em todos os paizes do norte não se falla senão com muito terror d'estas temiveis feiticeiras que, affirmam os naturaes, teem sempre ás suas ordens um demonio, docil escravo sujeito ao seu poder pelo principe do inferno. Uma mulher da Laponia lê no futuro; sabe claramente na vespóra o que acontecerá no dia seguinte. Póde lançar *mau olhado* áquelle, ou áquillo que despertar o seu odio; tirar bem longe os seus maleficios, exercer o seu pernicioso poder contra os navios que, bem distante, se debatem sobre o Oceano. Um grupo de rochedos que se erguem no meio das aguas do mar Polar é designado pelos pescadores de bacalhau, que frequentam estas regiões, pelo nome de *Mulher e filhas*. Estas figuras são frequentes nos mares arcticos, onde as vagas luctam encarniçadamente contra as penedias, trabalhando-as incessantemente e muitas vezes executando estranhas esculpturas. No cabo Norte ha um penedo a que chamam o *Frade*; perto d'este existe um grupo d'ilhas em que os marinheiros julgam vêr *uma Mãe rodeada das suas filhas*. Vistas atravez dos nevoeiros, certas massas de pedra tomam aspectos magicos; assim esse rochedo do deserto polar em que os pescadores de bacalhau descobrem uma mulher e seu filho, por muito tempo se lhes afigurou ser a *Feiticeira d'ouro*. Ra-

ras vezes ella se deixa vêr, por que as nuvens de verão e as neves d'inverno encobrem os seus encantos aos pescadores avidos de os contemplar; mas, quando ella se digna mostrar-se por entre os raios dourados d'um sol brilhante, os marinheiros saudam-n'a com cantos d'alegria, por que então ficam suppondo que a viagem será feliz e que uma abundante colheita de pelles e peixe os espera.

Comtudo todas as feiticeiras são para temer. Desgraçado do marinheiro, que por tempo carregado, vier d'encontro a este penedo tão respeitado!

A terra que deixamos á esquerda é a península Kanin; pertence á região arida em que os Samoyèdes andam errantes; deserto de gèlo mais selvagem ainda, do que os terrenos em que o Lapão persegue a caça. Esta provincia do grande imperio não tem nem aldeias, nem estradas, nem campos; nem ao menos tem nome, porque os russos apenas a designam por uma periphrase: *Terra dos Samoyèdes*. Estende-se a norte e a este, desde os muros d'Arkhangel e desde as aguas do cabo Kanin, até aos vertices dos Urals e até ás Portas de ferro do mar de Kara. Em muitas partes do seu sólo as neves são eternas e a sua costa que se estende para o Oriente n'um comprimento de perto 700 legoas, durante oito mezes em doze, é defendida por muralhas de gèlo. Em junho, quando o inverno vae, pouco a pouco, desapparecendo, alguns logares de valles privilegiados cobrem-se de lichens: pequenos e raros pontos verdes n'um fundo d'escalvados rochedos e de neves d'um pardo sujo. Estes musgos preciosos são o pasto da renna, o camello da zona polar, quasi o unico recurso da difficil vida dos habitantes d'este paiz.

A palavra *Samoyède* significa cannibal, antropophago; é esta a significação etymologica, todavia não basta isto para affirmar uma monstruosidade, são necessarias provas decisivas, evidentes e esta hypothese ainda está virgem de indagações rigorosas e sérias. Os Samoyèdes não cozem os seus alimentos; não sei se gostam da carne humana; o que é certo, é, o elles alimentarem-se de carne crua de rangifer. Persequindo a caça de que depende a sua existencia, os Samoyèdes abandonaram o territorio que oc-

cupavam no extremo norte e desceram para o cabo Kanin, região extremamente fria e demasiadamente estéril para qualquer outra raça d'homens. Foi aqui que os Zarayny os encontraram, que os derrotaram e reduziram

a uma condição muito semelhante á da escravidão.

Os Zarayny, povo corajoso e inteligente, parecem ter afinidades d'origem e de lingua com os Finnezes; provavelmente serão os



UM PILOTO RUSSO

restos d'alguma antiga colonia de *trappers*. Mais civilizados que os Samoyèdes, como os Russos seus irmãos constroem cabanas de madeira e possuem magníficos rebanhos de rennas que fazem guardar pelo povo vencido. Está sujeição a uma raça superior vae iniciando lentamente o Samoyède na civilização e incute-lhe o sentimento da propriedade, o respeito pela vida humana. Um

Pelle-vermelha vive da caça aos bufalos e mata mais do que exigem as suas necessidades unicamente pelo prazer de destruir. O Samoyède faria o mesmo, se o Zarayny não lhe tivesse ensinado o caçar a laço e a crear o animal de que os homens do extremo norte tiram toda a sua subsistencia. Verdadeiro selvagem, unicamente um grau mais civilizado do que o Pawnie d'America do

A VISTA DO MUNDO

1852



O CABO NORTE

Norte, o Samoyède não edifica uma habitação fixa, não agricultura o solo, não se installa n'um terreno. Como o Japão vive em tendas de construcção rudimentar, que no seu interior recordam o *wigwam* indiano, pois que, por unica mobilia, teem pelles em que se estendem para dormir. Estas tendas não teem o menor signal d'uma arte; em vão se procuraria n'ellas os grosseiros esboços com que o Dheyenne embelleza o mobil abrigo que elle transporta para o centro das florestas. E todavia o Samoyède possui algumas ideias, vagas é verdade, d'uma vida social, d'um governo. Dá o nome de *choum* a um grupo d'habitações; o *choum* é governado por um *chaman*; na sociedade russa este personagem toma o titulo mais pomposo de *pope*.

O actual imperador enviou para o meio d'estas tribus alguns padres, como em outros tempos Marfa Boretski enviou para a Lapônia e Carélia alguns *popes* e frades, na esperança d'arrancar os indigenas aos seus habitos pagãos e de convertel-os ao christianismo.

Qualquer acreditaria que estes missionarios conseguiriam produzir algum bem na civilização d'aquelles selvagens, mas o russo que conhece o paiz e os seus habitantes, sorri quando o interrogam sobre a propaganda orthodoxa nas paragens do golfo d'Obi e do mar de Kara. Não pude apreciar este facto com os meus olhos, unicamente o acaso me fez encontrar um d'estes padres gregos que, sem duvida, desesperando de transformar este povo, pouco a pouco se tornára como elle. Posto que conservasse o titulo de *pope* vivia como um *chaman*; vestia-se como estes e cada vez mais n'elle se ia descobrindo o Mongol. Até se dizia que elle partilhava a sua tenda com uma feiticeira indigena.

Estes povos guardam as fronteiras do imperio dos czars; os rochedos d'estas regiões são os porticos da Grande-Russia, essa terra de velhos russos, que os cavalleiros tartaros não calcaram ainda com as patas dos seus cavallos infatigaveis.

Porque, dir-se-ha, entrar na Russia pela porta do Norte? Caro leitor, para isso tive boas razões. Supponde que o Grande-Mongol conquistára a Inglaterra no decimo-setimo seculo, que os costumes asiaticos, durante duzentos annos, tivessem sido adoptados em

Londres, que depois a nossa Bretanha, sacudindo o jugo, tivesse recuperado a sua vida civil, as suas antigas liberdades; que paiz deveria visitar um estrangeiro desejoso de conhecer o verdadeiro character inglez? Não iria á America procurar no Massachusetts um typo não modificado pela influencia oriental, embora em seguida, para completar os seus estudos, se transportasse ás margens do Tamisa e do Mersey?

Da mesma forma o viajante que quizer fazer uma ideia exacta da Russia livre, á qual a guerra da Crimeia deu o sêr, deve começar o seu trabalho d'observação pelas zonas septentrionaes; porque é unicamente n'esta região de lagos e de florestas que elle encontra um ramo da familia slava que jámais obedeceu a um senhor estrangeiro, que jámais modificou os seus costumes ao contacto de uma outra raça.

O territorio, sete vezes maior do que a França, que se estende desde Perm até ao Onéga, foi colonizado por Novogorod a Grande na epocha em que era ainda uma cidade livre, rica pelo seu commercio, illustre pelas artes, rival de Francfort e de Florença, elo, como Bruges e Londres, da liga hanseatica.

Os povos assim formados defenderam sempre as suas franquias, repelliram os costumes allemães e o jugo tartaro conservaram, puro de toda a mescla, o seu character nacional. «Nunca, dizia-me orgulhoso um habitante d'Arkhangel, tivemos entre nós nem nobres, nem escravos.» Em todas as cousas, tanto no mal como no bem, teem conservado religiosamente as antigas tradições; e quando o czar Godounof tentou transformarlhe a organização no sentido tartaro (1601), quando o patriarcha Nikon quiz inocular na sua Igreja uma maior dóse d'espírito bysantino (1667) elles resistiram ás ordens do imperador, aos desejos do seu patriarcha.

Estes homens livres, affrontando os esforços d'uma série d'autocratas, recusaram energicamente trocar o seu antigo rito pela lithurgia official que lhes queriam impôr. Conservaram a sua lingua por todos desprezada; e depois, volvidos tempos deram ao mundo um grande poeta, Miguel Lomonosoff que, nascido n'uma cabana, illustrou esta lingua proscripta e tornou-a conhecida das academias, dos nobres e da propria côrte.

II

O MAR BRANCO

Dobramos o cabo Intsi e deixamos atraz de nós os apertados estreitos que, n'este golfo septentrional, separam o paiz dos Lapões do dos Samoyèdes.

Maior duas vezes que o grande lago dos Estados-Unidos, o lago Superior, o mar Branco pela sua fórma faz lembrar o lago *di Como*: tem ao norte uma estreita bahia que se prolonga até á cidade de Kandalax, na Laponia russa; e ao sul duas outras bahias separadas entre si por uma larga península d'areia cujos miseraveis habitantes pescam bacalhau e perseguem as phocas. Os rios que véem desaguar n'estes ultimos golfos tem um o nome de Onéga e o outro o de Dwina. Na embocadura d'estes rios ha dois portos mercantes, Onéga e Arkhangel.

A profundidade do mar Branco é consideravel; na entrada avalia-se em oitenta braças, e junto da bahia de Kandalax, a sonda não accusa menos de cento e sessenta: comtudo, as costas não são altas nem escarpadas. O golfo d'Onéga está semeado de penedos e d'ilhotas; a maior parte d'estes são unicamente bancos d'areia formados pelas terras que as vagas desligam das planuras de Kargopol e arrastam até estes logares. Um archipelago d'uma certa importancia encontra-se comtudo entre a ponta Orlof e a cidade de Kem: entre estas ilhas acham-se Solovetsk, Angersk, Moksalma, Zaet e muitas outras cujos nomes andam ligados á historia da Russia e nos despertam recordações das curiosas legendas da côrte imperial.

Solovetsk, a maior do grupo, mostra com orgulho o seu celebre convento, impregnado ainda de recordações de S. Savatie e de S. Zozime; os seus muros serviram de refugio a S. Philippe. Possui um relicario venerado que attrahe em peregrinação monarchas e mendigos; é nos seus vastos corredores que se vê errar o espectro solemne de que, só o lembrial-o, faz estremecer de mêdo ao cossaco na sua tenda e ao pescador na fragil barca. Este mosteiro foi o theatro d'um grande numero d'acontecimentos memoraveis e mesmo de milagres que a poesia e a pintura teem celebrado.

Fóra da barra do Dwina ergue-se uma torre de recente construcção, no alto da qual está collocado um pharol que domina o mar d'uma altura de quarenta pés; mas o denso nevoeiro que quasi sempre o envolve não deixa que se aviste. Mettemos um piloto; a cara guarneçada de fartas e compridas barbas exprime bondade e paciencia. N'um tom humilde, medroso, como se tivera receio que a sua opinião fosse mal interpretada e que lhe batessem, disse-nos que a agua não tinha altura na barra e que seriamos obrigados a esperar pela maré.

«Esperar! exclamou o nosso capitão, isso é que não! Ajuda-nos e entraremos immediatamente.»

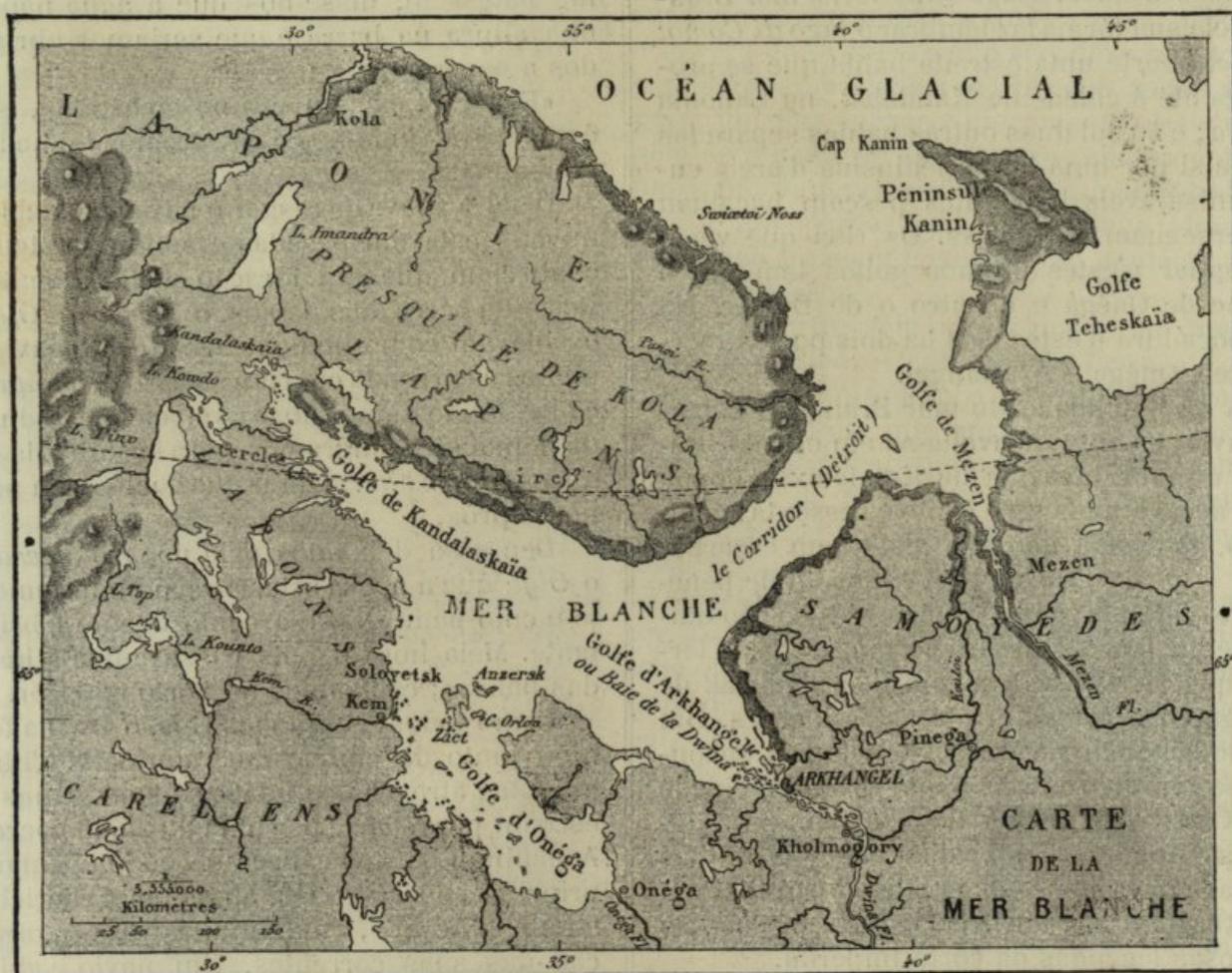
O sol acabava de rasgar o nevoeiro, mas as nuvens estavam pesadas e sombrias; todos conheciam que um furacão podia rebentar. Perto da barra dois navios, o *Thera* e o *Olga*, oscillavam como homens bebados; todavia o piloto russo cedeu com um sorriso de resignação e, tendo sido a nossa velocidade reduzida a metade, singramos para a linha de signaes pretos e vermelhos que fluctuavam pela nossa prôa.

Depressa deixamos pela pôpa o *Thera* e o *Olga* que a nossa esteira sacudiu fortemente e cujo panno tremia como doente febricitante. Meia hora depois passavamos a linha das balizas; estavamos no porto exterior.

Como todos os grandes rios, o Dwina formou junto da embocadura um delta d'ilhas e ilhotas atravez das quaes as suas aguas se escoam para o mar por uma duzia de boccas. A nenhum d'estes canaes se pôde chamar o principal, porque o rio, ainda mais caprichoso que o oceano, muda muitas vezes a direcção das suas correntes. Um navio sahido em agosto por uma passagem muito larga, achal-a-ha quasi cerrada se voltar no mez de junho do anno seguinte e será obrigado a entrar por outra. Segundo as cartas antigas a embocadura mais espaçosa encontrava-se perto do convento de S. Nicolau; mais tarde foi junto da ilha Rosa; e depois para lá das baterias do forte Dwina. Mas, em dois estios seguidos, violentas tempestades agitaram os mares do polo e fecharam a barra. A policia do porto, testemunha do facto, crusou os braços. Que podia ella fazer? Arkhangel estaria ainda hoje privada da communicação fluvial que a enriquece, se um negociante dinamar-

quez, estabelecido no porto de Solombola, não tivesse proposto aos negociantes estrangeiros o alugarem um vapor e procurarem abrir um caminho para os seus navios. «Se a agua desce, disse elle, é porque tem comunicação com o mar. Tentemos achal-a.» Uma centena de libras foi depositada n'um banco para custeamento da empreza. O vapor explorou o rio e reconheceu-se que uma

das suas boccas, a Maimax, tinha a profundidade sufficiente para ser navegada pelos navios de maior lotação. Os obstaculos pareciam removidos, as communições da cidade com o mar estavam restabelecidas; já os habitantes festejavam o eminente serviço prestado ao seu commercio. Mas não se contara com as auctoridades do porto; nunca um navio tinha sahido d'Arkhangel pelo bra-



ço Maimax; regulamento algum tinha sido feito para esta via commercial; a policia não podia consentir que um navio levantasse ferro sem que os seus papeis fossem visados pelas fórmas ordinarias. Debalde os negociantes representaram que, sendo o caso novo, uma nova disposição regulamentar devia ser creada. Mais valeria querer raciocinar com um funcionario turco; aqui estavam ancorados navios carregados de cevada e de madeiras para o Elba, Meuse, Tamisa; alli as aguas abundantes do Maimax corriam para o mar; mas os regulamentos do porto, que

não se preocupam com as phantasias da natureza, nem com as necessidades dos homens não permittiam que a frota apparelhasse!

Foi dirigida uma supplica ao governador d'Arkhangel, o principe de Gagarin; mas, posto que o principe tivesse muitas ironias para as auctoridades do porto e para as suas formalidades ridiculas, infelizmente não tinha dinheiro seu comprometido em nenhuma das carregações. O negocio ainda d'esta vez não foi resolvido. Gospadim Sredine, o director d'alfandega, homem intelligente e astuto, tentou obter a abertura do

porto, offerecendo-se o crear novos empregados aduaneiros para o novo canal; mas a policia era... a policia. Embora se repetia que as mercadorias se podiam avariar, que o capital assim empregado se conservava improductivo, que os *rublos* assim dispen-

didos era dinheiro completamente perdido para a cidade...

«Como se arranjou isto por fim?

— Da maneira mais simples, respondeu um capitão de navios que por este tempo tinha sido um dos presos dentro do porto.



SAMOYÈDES

Dirigimos-nos a Petersburgo; o ministro falou ao imperador e a sua conversação, tal qual ella me foi narrada, foi a seguinte:

«Que se passa então em Arkhangel? perguntou o czar; por que é todo esse barulho?

— Senhor é por causa d'uma nova emboadura do Dwina; os navios querem sahir

por ella, visto o antigo canal estar entulhado d'areias.

— Por Deus! exclamou o imperador, deixem passar os navios por onde poderem.»

Seria o negocio resolvido d'esta forma, ou, o que é mais verosimil, seguiria os methodicos e lentos tramites officiaes? Não sei



UMA MARGEM DO GOLFO ONÉGA

dizel-o; mas o caso é que a embocadura Maimax foi aberta apesar das auctoridades do porto e apesar da lettra dos regulamentos.

Um Hebreu dos antigos tempos teria chamado a este mar um sepulchro branqueado. Para aquelles mesmos para quem as tempestades se resumem n'uma serie d'algarismos — tantos navios perdidos no meio dos gèlos, tantos cadaveres dados á costa — para os sabios, n'uma palavra, esses mesmos achariam nas lugubres estatisticas d'estas paragens algum motivo d'indulgencia para a velha superstição Laponia da *Feiticeira d'ouro*. Ha dois annos, a estação foi excepcionalmente mortifera; um dia sobretudo, dia sombrio e terrivel que por muito tempo ficará gravado na memoria de todos.

Nos fins do mez de junho, um officio, enviado por um homem digno de representar o seu paiz n'estas longinquas paragens, o consul inglez em Arkhangel, veio espalhar o terror no ministerio do Commercio. Pedia com palavras, que nem sempre os ministerios ouvem, que um efficaz e prompto soccorro lhe fosse mandado. Mais de cem navios estavam prisioneiros dos gèlos. Eram embarcações de todos os tamanhos e de todas as nações: suecos, dinamarquezes, hollandezes, inglezes; lugres, brigues, barcas, a maior parte tripulados por inglezes. Não poderiam ser soccorridos? «Os soccorros estão a caminho», responderam os fios telegraphicos de Charing Cross. Com effeito, no dia primeiro de julho, dois barcos a vapor sahiam do Tamiza para tentar arrancar aos gèlos polares aquelles navios e aquelles homens.

Quinze dias depois os vapores tinham dobrado o cabo Gorodetsk nas costas da Laponia e no dia seguinte, ao romper do dia, empregavam exforços para poderem entrar a barra d'Arkhangel. Foi-lhes impossivel, o que não impediu ás tripulações inglezas de, com maravilhosa rapidez, praticarem os actos de dedicação para que se tinham offerecido.

Esta armada cosmopolita sahira dos portos do Dwina ao noticiar-se que no golfo principiara o degèlo; mas apenas os navios tinham entrado no Corredor, tendo saltado o vento do norte para o sul, acharam-se rodeados de montanhas de gèlo que de todas as partes estalavam ruidosamente e se balan-

ceavam d'um modo assustador. Á força de precauções conseguiram chegar ao cabo Kanin. Em frente d'elles o gèlo mostrava-se espesso e alcantilado; era impossivel abrir uma passagem. Para que a desgraça ainda maior fosse o vento começou a soprar do norte e durante tres dias immensas cordilheiras de gèlo se amontoaram, forçando os navios a voltarem para traz e fechando qualquer sahida para o mar livre. Os navios sendo-lhes impossivel, apesar de todos os exforços, o conservarem-se no meio do canal, descahiam; a corrente arrastava-os para os precipitar nos recifes da Laponia, onde as tripulações se viram prisioneiras entre muralhas de gèlo.

Os marinheiros dos navios mais solidos podiam, no meio do terrivel silencio, ouvir o barulho sinistro, semelhante á artilheria d'um castello, que os cascos das outras embarcações faziam ao serem esmigalhados pela pressão dos montes de gèlo, como um fino copo de crystal entre as mãos musculosas d'um athleta. Quando um navio era desfeito, a tripulação saltava para o gèlo e recolhia-se a bordo do navio que mais proximo lhe estava, embora horas depois tivesse de procurar abrigo em outro.

Homens houve que naufragaram cinco e seis vezes no mesmo dia.

Quando os dois navios de socorro fizeram o seu relatorio ao ministerio do Commercio soube-se o seguinte:

«O numero de navios abandonados pelas tripulações elevava-se a sessenta e quatro; unicamente quatorze puderam ser salvos: os cincoenta restantes ficaram esmigalhados. Entre estes ultimos, dezoito tinham sido construidos em Inglaterra e eram tripulados por marinhagem da mesma nacionalidade.»

O auctor do relatorio fazia notar com nobre e patriotico orgulho que um unico navio inglez tinha podido ser tirado do gèlo depois de ter sido abandonado pela tripulação. Com effeito basta enumerar este facto para bem mostrar quanto bons guardas, dos navios que lhes confiam, são os marinheiros inglezes.

Seria para desejar, para honra da Inglaterra, que os seus navios só recordações d'este genero tivessem deixado no mar Branco.

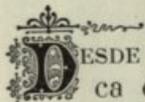
CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

PELO

VICE-ALMIRANTE FLEURIOT DE LANGLE

I

Golpe de vista geral sobre a costa d'Africa — Exploração do litoral africano no decimo quarto e no decimo quinto seculo — Fundação da colonia do Senegal — Os primeiros estabelecimentos europeus fundados na costa d'Africa — Escravidão — O congresso de Vienna abole o trafico da escravidão — A Inglaterra emprega todos os esforços para que o trafico d'escravos termine — A França segue-a n'este caminho — Tratado do direito de vizita; não é conseguido o fim a que miravam as partes contractantes — A França novamente se encarrega da policia exclusiva da sua bandeira — A Inglaterra emancipa os escravos das colonias pertencentes á corôa — Esta medida liberal é seguida pela França, Hollanda, Estados-Unidos d'America e Portugal — A Hespanha e o Brazil desde então ficam isolados e não puderam por muito tempo sustentar a escravidão — O interdito com que o congresso de Vienna fulminou a escravidão produziu a renovação da sociedade colonial — As populações africanas teem sentido os mais beneficos effeitos com a abolição da escravidão — A Zenobie vae cruzar na costa occidental d'Africa.



DESDE a mais remota antiguidade, a Africa é uma terra povoada pelas raças mais diversas; os egyptologos ensinam-nos que Sesostris triumphou d'uma raça d'olhos azues, de cabellos louros ondeados, que vivia no litoral do Mediterraneo.

Carthago, colonia siriaca, deveu o seu esplendor ao commercio; o movimento maritimo que por esta epocha se creou foi consideravel; as colonias carthaginezas estenderam-se até á costa occidental d'Africa, da qual Carthago quiz conhecer a fórma e extensão. A narração d'uma d'estas expedições conhecida com o titulo «*Periplo d'Hannon*», posto que truncada, chegou até nós podendo-se por ella provar que Hannon, pelo menos, visitou o Senegal e a Gambia.¹

Depois das guerras punicas, em que Carthago succumbiu, os proconsules continua-

ram a proteger o commercio interior. Um viajante moderno, Mr. Duveyrier, é de opinião que os transportes se faziam então em carros puxados por bois; chega mesmo a affirmar que os vestigios d'essa conducção, ainda hoje, podem ser vistos no caminho por esses tempos percorrido; comprehende-se bem o quanto demorado devia ser o tracto.

Por occasião de guerras os Arabes transportaram para Africa o camello que ahi se acclimatou facilmente. O grande commercio africano só começa com o prégar do islamismo; o zelo ardente do proselitismo ligado ao espirito de lucro da raça arabe faz-lhe afrontar todas as fadigas: as caravanas, até então formadas de grosseiros carros, fizeram-se então com camellos e puderam passar além dos desertos. Os escriptores arabes transmittiram-nos alguns dados colhidos n'essas viagens. A pouca luz mysteriosa que estas narrações espalharam sobre estes povos singulares, despertou o enthusiasmo nos viajantes, cuja tarefa está mui longe de terminar.

Desde que os estudos africanos se tornaram moda, os historiadores teem com affan procurado qual seria a bandeira que nos tempos modernos primeiro se mostrou em Africa. Portugal, orgulhoso do impulso dado á sua marinha pelo infante D. Henrique, queria para si esta prioridade enquanto que indagadores infatigaveis a não deram á França. Os archivos de Dieppe não permitem a menor duvida sobre as expedições que os Normandos na idade média fizeram e d'um modo positivo póde-se affirmar que em 1364 algumas cabanas foram por elles construidas na costa d'Africa. Os documentos mais antigos que os Portuguezes puderam apresentar apenas teem a data de 1418. Este celebre processo scientifico terminou vantajosamente para a França, cuja bandeira fluctuou na Africa mais de meio seculo antes que a bandeira portugueza lá fosse hasteada.

¹ Veja-se a narrativa d'Hannon no primeiro volume dos *Voyageurs anciens et modernes* por M. Ed. Charton.

Os Portuguezes que tinham guerreado contra os Mouros viam inimigos a combater em todas as povoações africanas que punham a saque. As resistencias que por fim experimentaram foram muitas vezes fataes ás suas expedições, que eram todas tidas como muito perigosas.

As guerras civis do decimo quinto seculo fizeram com que os habitantes de Dieppe não continuassem estas longiquas navegações e a bandeira portugueza pôde então, unica, erguer-se nas costas africanas.

O que confirma a realidade das navegações francezas para a Africa, é serem attestadas por nomes que os navegadores de Dieppe puzeram aos logares que frequentavam, nomes, que até hoje, teem persistido. O mais importante dos seus estabelecimentos foi na costa do Ouro e tomou o nome de Mina; sem duvida construíram alli alguma fortificação para assegurar o seu commercio d'ouro que era então muito productivo. Deve-se crêr que os vestigios d'este estabelecimento ainda existissem em 1481, epocha em que os Portuguezes construíram um novo castello na Mina, que se tornou a chave das suas possessões na costa do Ouro, visto que conservaram a um dos bastiões do forte o nome de Torre Franceza, e que testemunhas oculares affirmam ter visto gravadas as armas de França na capella d'Elmina. Além d'isto, muito tempo depois do grande Dieppe e pequeno Dieppe ter sido abandonado ainda os naturaes se serviam d'algumas palavras francezas para convidar os navios a vir com elles negociar. Logo que a paz consentiu á França o novamente fixar a sua attenção sobre o commercio maritimo, o espirito aventureiro dos filhos de Dieppe despertou-se e a velha cidade normanda, recordando-se, no fim do decimo sexto seculo restabeleceu communições com a Africa d'onde a hostilidade dos Portuguezes os repelliu. O commercio que os Portuguezes fizeram no Senegal foi sempre muito precario; em 1591 só alli existia um individuo d'esta nação; os naturaes da costa da Guiné irritados com as suas crueldades expolliaram-n'os de todas as suas posições que foram occupadas pelos Hollandezes. N'estes tempos remotos os Inglezes apenas commerciavam alguma cousa no Senegal.

Os primeiros europeus que frequentaram a Africa fizeram alli o commercio de troca.

Depois da colonisação da America e da cultura das plantas industriaes que se fez em grande escala, os mercados da Africa mudaram de natureza. Abriram-se mercados d'escravos destinados a serem importados pela America. Desde então a prosperidade americana ficou indissolavelmente ligada aos mercados africanos. Esta solidariedade d'interesses e as hostilidades creadas entre as povoações indigenas e os europeus bastam para explicar os pontos fortificados que prodigamente se espalharam pelas costas da Africa e o encarniçamento com que as potencias europeias disputaram a posse d'estas regiões affastadas e pestilentas, onde se tinham aberto estes mercados.

Em 1637 a França occupou S. Luiz. Desde então este porto tornou-se a chave das possessões francezas na costa occidental da Africa.

Desde o reinado de Luiz xiv que a politica franceza affirmou claramente os seus direitos á posse exclusiva da parte da costa da Africa, comprehendida entre o cabo Branco e a Serra Leoa. Os acasos das guerras obrigaram muitas vezes a côrte de Versailles a ceder á força das armas e a vêr passar as suas possessões para as mãos dos seus rivaes. Comtudo, no fim de cada guerra, a França tinha o cuidado de pôr os seus antigos direitos ao abrigo de qualquer discussão e de os affirmar novamente no texto de cada tratado. Conseguiu assim conservar um direito escripto e positivo para com todas as outras nações.

Depois de ferozmente terem, umas contra as outras, combatido durante o decimo sétimo e decimo oitavo seculos, desde 1815 as nações europeias parecem considerar as relações reciprocas d'uma maneira differente da que eram encaradas pelos seus antepassados¹ e d'então para cá as cousas poderam ser reguladas d'uma maneira mais estavel. Mais do que nenhuma outra raça a africana tem-se aproveitado das ideias liberaes do seculo dezenove.

Acabamos de vêr como nasceu a escravatura. Esta questão despertou sempre a attenção e a reflexão dos espiritos graves; sem

¹ E' escusado o dizer-se que este artigo foi escripto antes da invasão allemã de 1870.

duvida pelos leitores do nosso jornal serão seguidas com o maximo interesse as differentes phases por que passou a escravatura até á sua extincção. No seu começo foi hypocrita; os partidarios da escravatura viam n'ella uma panacea universal que ia dar a liberdade aos Indios opprimidos e espalhar a civilisação e a religião christã pelas populações africanas. Escusado é declarar-se que nada d'isto succedeu. As colonias americanas extinguiram os Indios; os negros que os substituiam, entre os quaes as mortes eram superiores aos nascimentos, desappareciam tambem. Era sem cessar preciso pedir á Africa novos escravos, dos quaes metade morriam antes de chegar ao mar e dos sobreviventes metade ainda desapparecia antes de chegar ao fim a que iam destinados.

A Inglaterra assustou-se cedo com o incremento que a escravatura tomava, e esta questão desde 1792 que começou a ser examinada pelo Parlamento. Então avaliava-se o numero dos africanos transportados annualmente pera a America em oitenta mil individuos, mas ainda não era este o numero exacto; só a ilha de S. Domingos e as Antilhas inglezas exigiam este numero para as suas industrias e agricultura. As possessões francezas e inglezas tinham um milhão e quinhentos mil escravos; as colonias hespanholas continham dois milhões; o Brazil tinha uma não menor população escrava; os escravos importados annualmente pelas Antilhas fran-

cezas e inglezas são representados pela relação —, seis por cento dos braços empregados nas culturas. Se as possessões de terceira ordem exigiam um tão consideravel recrutamento, não é para admirar que a America exigisse á Africa uma contribuição annual de duzentos mil escravos. Os excessos d'este commercio homicida inevitavelmente deviam trazer uma reacção proxima. O transporte d'estes duzentos mil individuos tinha feito crear uma armada mercante consideravel que todos os annos levava para a Africa o valor d'esta mercadoria humana que, calculando a cem francos por cabeça, representava um capital de vinte milhões de francos.

A França e Portugal faziam por sua conta a compra e o transporte dos seus escravos. Um commercio tão lucrativo excitou a cubiça da Inglaterra que tomou n'elle farto quinhão, porque, além da escravatura para as suas colonias, tinha sabido arrancar á Hespanha o monopolio da importação d'escravos nas suas possessões d'além-mar.

Esta concessão, conhecida com o nome *d'asiento*, inserta em 1713 no tratado d'Utrecht, entregou, até ao tratado d'Aix-la-Chapelle em 1748, o mercado das colonias hespanholas á Inglaterra. Todavia a Hespanha só pode recuperar a sua liberdade commercial pagando uma indemnisação de quinhentos mil francos á Inglaterra.

(Continúa).

ASCENSÕES NOS ALPES

Em 1860 a 1869

por

EDUARDO WHYMPER

I

Ascensão do Pelvoux. — Passagem d'uma *bergschrund* no desfiladeiro de Pilatte. — Um perigo na Pointe des Ecrins. — A *bergschrund* do Dent-Blanche. — A garganta Dolent. — A garganta do Moning.

DENTRE OS membros do Alpino Club de Londres que, ha quinze annos, teem adquirido nos Alpes suissos ou francezes uma reputação europeia — Tyndall, F. F. Tucket,

Mathews, Stephens, Ball, Kennedy, etc. —, o mais geralmente conhecido é sem duvida Eduardo Whympers. Esta popularidade deve-a elle, não só ás ascensões que, primeiro do que os seus rivaes, teve a audacia de emprehender e a felicidade de levar a fim, mas sobretudo a um terrivel acidente na descida do monte Cervin, onde elle, á sua vista sem poder prestar-lhes soccorro, viu despenharem-se n'um abysmo de mais de mil metros de profundidade, o melhor guia dos Alpes,

Miguel Croz e tres dos seus atrevidos e corajosos patricios: Hudson, Hadow e lord Douglas. Por isto tambem a descripção das suas *Scrambles amongst the Alpes in the year 1860-1869*, publicada em 1870 em Londres pela livraria Murray, obteve um successo immenso. A primeira edição esgotou-se em poucos dias; a terceira não tardará a apparecer, succedendo á segunda datada de 1871, e já na França, na Allemanha e na Italia, estão annunciadas traducções. Este exito é merecido. As *Scrambles*, magnificamente impressas, são illustradas por cinco mappas e por noventa e duas gravuras, formando um formosissimo album; o texto, sempre interessante, distingue-se por preciosas qualidades raramente reunidas: a clareza, a concisão e sobretudo o *humour* que Mr. Whymper espalha pelo seu livro ás mãos cheias. Alguns gracejos contra os francezes, já um pouco sediços e que um bom gosto mais severo teria cortado principalmente nas actuaes circumstancias, são as unicas manchas que se descobrem n'este bello, agradável e instructivo volume.

Mr. Eduardo Whymper consagra, pelo menos metade das suas *Scrambles* á narração das diversas tentativas que durante nove annos fez para escalar o Cervin; mas tambem, e detalhadamente, descreve as ascensões que fizera ao Pelvoux (aonde, antes d'elle, só alli tinha subido Mr. Puiseux, professor d'astronomia na Sarbonne) á Pointe des Ecrins, ao monte Dolent, ás Aiguilles de Trélatète e d'Argentiére, ao Grand Cornier, ao Grand Tournalin, ao Dent-Blanche, aos Grandes-Jorasses, á Aiguille Verte, á Buinette, etc., assim como as suas não menos interessantes passagens nos desfiladeiros Breuil, Brèche, Meije, Pillatte, Triolet, Moming, Héreus, Dolent e de Taléfre. Como se prova por esta enumeração, as *Scrambles* offerecem uma leitura tão variada como cheia de commoções.

Foi a 23 de julho de 1860 que Eduardo Whymper sahiu de Londres para emprender a sua primeira viagem aos Alpes suissos. Esta primeira excursão apenas foi um simples reconhecimento.

Com effeito Whymper percorreu os Alpes em todos os sentidos sem em parte alguma se fixar; mas estudou e desenhou por todas as suas faces as montanhas que elle já projectava escalar.

Em 1861 dirigiu-se directamente ao Pelvoux de que não tinha senão insufficientes indicações tiradas principalmente das obras de Mll. Elie Beaumont e J. D. Forbes.¹ A ascensão praticada em 1848 por M. Puiseux, já esquecida pelos camponezes dos valles, era-lhe completamente desconhecida. Em 1860, no mez d'agosto, Mll. Bonnev, Hawkshaw e Matthews, tendo por guia Miguel Croz de Chamonix, tinham sido pelo mau tempo obrigados a renunciar a uma tentativa que já muitos dias e noites lhes custára. Um inspector d'estradas, chamado João Reynaud, que os acompanhava tambem, attribuia o pouco exito da expedição ao adiantamento da estação. Whymper, seguindo estes conselhos, chegou a Bessée, aldeia do valle Durance, nos primeiros dias d'agosto de 1861, logar combinado onde se devia encontrar com o seu compatriota e amigo Macdonal a 3 do mesmo mez.

Mas deixemos que elle proprio descreva a sua ascensão ao monte Pelvoux.

«De Bessée vêem-se perfeitamente todos os picos do monte Pelvoux, o ponto culminante e aquelle em que os engenheiros ergueram uma pyramide. Reynaud e todos os habitantes do valle ignoravam-n'ó. Os naturaes d'aquelles sitios unicamente sabiam que os engenheiros tinham feito a ascensão d'um pico d'onde descobriram um ponto ainda mais elevado a que tinham dado o nome de *Pointe des Arcines* ou *des Ecrins*. Mas ignoravam se este ultimo vertice podia ser visto de Bessée e não podiam designar o pico em que tinha sido collocada a pyramide. Era minha opinião que as elevações, que tinhamos deante de nós, nos escondiam o cume mais alto e para descobri-lo era primeiro preciso escalar aquellas.

«A ascensão de M. Puiseux era completamente desconhecida pelos naturaes e, a acreditar-os, o ponto culminante do Pelvoux por ninguem ainda fôra pisado: era justamente a esse vertice que nós pretendiamos subir.

(Continúa.)

¹ O *Iteneraire du Dauphinée* (Drôme, Pelvoux, Viso) que publiquei de collaboração com Mr. Elisée Reclus não appareceu senão em 1863.

PELO MUNDO

SE seguíssemos as velhas formulas, começaríamos esta revista da quinzena fazendo uma apresentação do nosso jornal bem lardeada de modestias e de promessas a que teríamos o cuidado de faltar no decurso da publicação; mas nós preferimos, por serem contra a nossa consciencia e contra os nossos interesses, abandonar esses velhos habitos de burla e singelamente dizer ao publico:—Havemos de fazer todos os esforços para que esta publicação adquira o maximo numero de leitores—satisfaremos assim a nossa ambição de sermos uteis ao paiz e o desejo vehemente de que os esforços da empreza sejam convenientemente recompensados.

Posto isto, a traços largos, vamos dar ao leitor uma reseña dos factos que, mais estreitamente relacionados com a indole d'este jornal, durante a ultima quinzena preoccuparam o mundo scientifico, industrial e commercial.

EUROPA

Não nos levarão a mal que, em primeiro logar, celebremos, com a alegria que nos causa os progressos da patria, o accentuado movimento, no sentido de desenvolver os conhecimentos geographicos e de tirar d'estes resultados proficuos para as prosperidades da nação, que nos ultimos tempos se tem dado em Portugal.

Em Lisboa nma sociedade de geographia constituida e florescente pelos esforços gigantescos de dois trabalhadores incansaveis, Luciano Cordeiro e Pequito, alarga continuamente a sua esphera d'acção benefica e com zelo diffunde o amor pelos conhecimentos geographicos a ponto de ainda recentemente, a 19 d'outubro, conseguir a creação d'uma delegação no Porto da Sociedade de Geographia de Lisboa, cuja direcção ficou assim composta:

Presidente — Visconde de Villar Allen.

Vice-presidente — José Joaquim Rodrigues de Freitas.

Secretarios — Joaquim d'Azevedo Albuquerque e João Antonio de Freitas Fortuna.

Vice-secretario — Augusto Luso da Silva e Francisco José Patricio.

Thesoureiro — Visconde da Silva Monteiro.

Vogaes — Eduardo Moser e Joaquim de Vasconcellos.

— No Porto, essa terra de gloriosos luctadores, que quando não é a primeira, nunca é a ultima, organisou-se, tambem ha pouco tempo, uma Sociedade de Geographia que, pelo que já tem feito no seu mui curto tempo de vida e pelos nomes que estão á sua frente, dá garantia segura de affincadamente trabalhar para a realisação do justo e louvavel fim a que se propoe.

— No dia 27 do mez findo reuniu-se no ministerio da marinha a commissão encarregada da reforma da igreja das missões no ultramar.

O snr. Luciano Cordeiro, secretario relator d'essa commissão, apresentou um relatório acerca do estado da igreja nas nossas colonias que o distincto escriptor considera perfeitamente desgraçado e vergonhoso.

A imprensa occupou-se com muito louvor d'este relatório e, posto que nós ainda o não poderemos haver ás mãos e não tenhamos portanto base segura para avaliar do seu merecimento, estamos todavia certos que tal obra deve corresponder cabalmente ao juizo que formamos de tão intelligente e consciencioso trabalhador.

Como d'estes factos se deprehende, no paiz manifesta-se uma iniciativa util e para muito louvar seria que os poderes publicos aproveitassem este desabrochar da vida nacional em bem da patria que todos amamos.

— Relatando aos nossos leitores o regresso da expedição artica hollandeza teremos narrado tudo, quanto de mais importante, n'este genero, se passou na Europa.

O *comité* hollandez, organisador das expedições ao polo Norte, *comité* que tem a sua séde em Haye, recebeu noticias que explicam o regresso prematuro do navio Willen Barents que ancorou em Hammerfest a 4 do mez de setembro.

O navio preparava-se para costear á ilha da Cruz, quando bateu n'um banco de areia que se alastra n'estas paragens; toda

a tripulação julgou o barco perdido e já se tratava d'abandonar o navio, quando um ultimo esforço da tripulação conseguiu pôr a nado o barco. O projecto de continuar a viagem e mesmo o de erigir um monumento commemerativo na ilha Orange foi abandonado. Todavia o commandante da expedição declara que fez importantes observações magneticas e que o limite dos gelos foi quasi completamente descoberto.

ASIA

Esta parte do mundo fornece-nos um facto d'uma extraordinaria magnitudo. Um acontecimento de uma altissima importancia, debaixo do ponto de vista dos interesses economicos, industriaes e commerciaes da Europa, acaba de dar-se na Russia.

O projecto verdadeiramente grandioso d'uma linha ferrea que ligue o extremo Oriente e a China á rede dos caminhos de ferro europeus está em começo d'execução. Por ordem imperial de 11 de setembro vae proceder-se, no mais curto praso, á construcção da linha Catherinenbourg-Tiumène, um dos traços mais importantes da grande linha chamada siberiana. Esta parte da grande linha ligará o Volga com os rios da Siberia; é isto que lhe dá a excepcional importancia.

E' inutil insistir sobre a importancia d'esta empreza colossal, graças á qual a Europa estenderá a mão á Asia e que abrirá novas e innumeradas relações industriaes e commerciaes. A nova linha tem para o Occidente a alta conveniencia de ficar sendo uma via muito mais internacional, cujos pontos extremos serão Paris e Pekin, do que o é a linha Londres — Calcutta.

AFRICA

Em Copenhague receberam-se ultimamente noticias da expedição que Stanley dirige na Africa equatorial. A febre amarella tem feito grandes estragos na expedição. Um marinheiro dinamarquez, Christofferson, mandou dizer que um outro dinamarquez, Morzensen, succumbira; que, tendo a febre feito já muitas victimas nos membros da expedição, muitos d'elles tencionavam abandonar-a, quando Stanley, sabendo d'esta resolução, os reuniu e lhes disse: «Não deixarei partir nem um unico, antes que a expedição chegue ao seu termo. A minha divisa é: «A'vante!» E mesmo que uma legião de demonios, arniados de punhaes e revolvers, se oppozesse á nossa passagem, ou mesmo que as doenças nos ameaçassem aniquilar a todos, eu não permitiria que nem um dos meus companheiros retrocedesse.»

— A nova expedição enviada pela sociedade dos missionarios de Londres ao lago Tanganyika composta dos reverendos A. J. Wookey e D. Williams e do doutor Parker, deixou Zanzibar a 14 de junho, d'onde marchou para Nolumi, atravessando a terra firme em Saadani. Depois de se ter demorado n'aquelle logar por espaço de tres dias, a fim de completar o numero dos seus carregadores, os viajantes partiram para o interior a 21 de junho. Caminhando de 12 a 15 milhas por dia chegaram a Alpedapoua, onde foram affectuosamente recebidos pelos agentes da Sociedade dos missionarios. Deviam continuar a marchar para o lago a 19 de julho.

A caravana compõe-se de 309 homens commandados por Oulia, que, ha quatro annos, acompanhou o reverendo Roger Price na viagem em que se experimentaram as carroças puxadas por bois.

AMERICA

D'este laborioso mundo chegam noticias de grande vulto.

Acaba-se alli de formar o projecto d'abrir um canal que ligue o golfo de S. Lourenço e o golfo do Mexico e todos sabem que projecto util que aquelle povo extraordinario fórme, é projecto realisado.

— O governo federal tambem ultimamente concluiu um contracto com capitalistas de Londres, Paris e d'America para a construcção e exploração do caminho de ferro canadiano do Pacifico.

—E' natural que, á hora em que estamos escrevendo, tenha passado do estado de projecto ao periodo d'execução a empreza extraordinaria, que um dos homens mais notavcis d'este seculo, Lesseps, reunido ao povo mais intelligentemente trabalhador do mundo, o americano, pretende levar a fim — a abertura do canal do Panamá.



MARGEM DO DWINA — Desenho de A. de Neuville, segundo um esboço de M. H. Dixon

A RUSSIA LIVRE

(Continuado do numero antecedente)

III

O DWINA

TENDO entrado pelo braço Maimax subimos o delta n'uma extensão de vinte milhas; as margens são baixas e cobertas de alegre vegetação, pequenas ilhas verdejantes fazem recordar o Missouri, ainda que os terrenos das margens do Dwina não sejam tão férteis como os do rio americano; as ilhas apenas se cobrem de relva e sustentam alguns pequenos arbustos. Ao longe na terra firme, a perder de vista, estendem-se frondosas mattas de pinheiros seculares.

A ilha que se descobre á direita, quando se entra a barra, tem o nome de S. Nicolau,

como recordação do padre que, ardendo em santo zêlo pela causa da fé, esbofeteou, dizem, o heretico Arius. Ninguém sabe onde viveu e morreu este Nicolau; a historia não menciona a sua presença no primeiro concilio de Nicêa. A tradição dá-lhe Liki por berço, diz que vivera em Myra e por isso é chamado o santo de Mirliki; mas nem uma unica linha dos seus escriptos foi conservada e as virtudes que lhe attribuem são muitas vezes contradictorias. É o advogado dos nobres, das crianças, dos marinheiros, dos peregrinos. Apesar da incerteza que ha do seu nascimento e do seu character, Nicolau é todavia um santo muito popular. O povo é-lhe affeioado por causa da sua bondade para com os pobres; é um santo amigo dos mendigos, dos pescadores, dos vagabundos. É a

consolação, a esperança dos que estão em perigo de naufragar e de morrer de fome. Nos desertos do norte não ha uma só pessoa que não invoque o seu nome e que não venere a sua imagem, mas em parte alguma se lhe rende um culto mais fervoroso que na bacia do mar Branco. Com que piedosa alegria o pescador das costas lê na *Vida dos Santos* (ao mesmo tempo a sua biblia, a sua epopeia, o seu drama, o seu código e a sua historia) que Nicolau é o mais poderoso santo dos céos, que está sentado á direita de Deus e que sob as suas ordens, tem um exercito de trezentos anjos, d'espada em punho, prompto sempre ao primeiro signal!

Um *moujik* pedia a um dos seus amigos que lhe dissesse quem seria Deus, quando o actual morresse.

«Meu rapaz, replicou-lhe o inglez sorrindo, Deus jámais morrerá».

O rustico ficou embaraçado e repetiu com ar descontente:

«Nunca morrerá!» Em seguida levantou a cabeça; parecia que um raio de luz lhe illuminára o cerebro.

«Já sei, continuou elle pausadamente, o senhor é um incredulo; não tem religião. Olhe, eu sei mais d'isso. Deus morrerá um dia, porque é muito velho e então S. Nicolau succeder-lhe-ha».

Posto que S. Nicolau seja adorado em toda a Russia, tanto nas margens do Dniéper, do Moskova, do Volkhof, como nas do Dwina, estas zonas septentrionaes teem por elle, como eu ja disse, uma veneração particular. É o advogado dos marinheiros, o braço direito dos aventureiros; todas as suas imagens o representam espreitando ancioso as convulsões e coléras do mar Branco. O delta que n'este momento percorremos podia mui bem ser chamado a sua provincia, porque não só o seu nome foi dado á ilha que nos fica á direita, mas tambem ao antigo canal e á bahia. O mais antigo convento d'esta região tem-n'o tambem por orago.

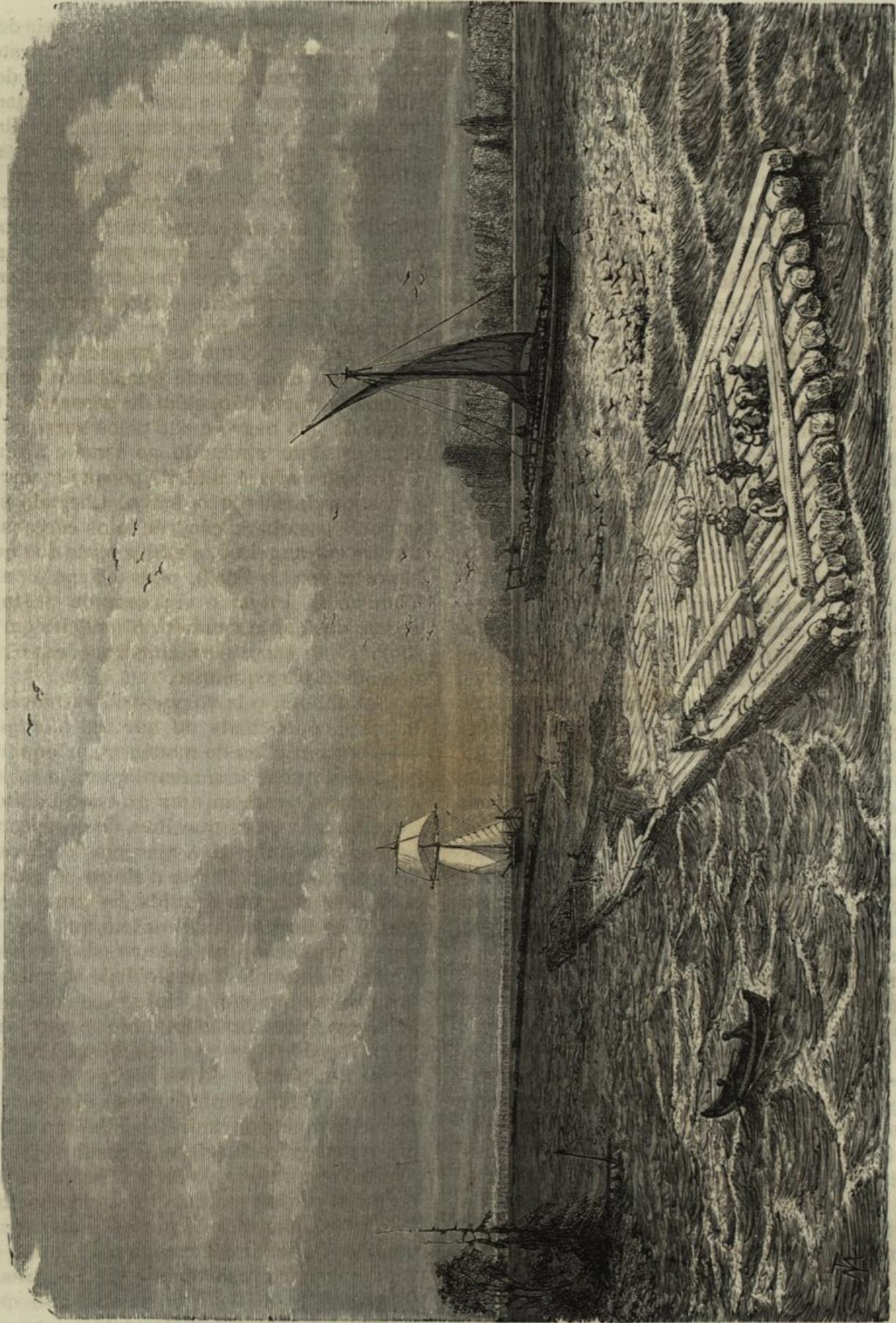
Seguindo o braço Maimax, os nossos olhos, por muito tempo fatigados com a vista de penedos escálvados, de nuvens plumbeas, da ressaca livida, descansam com delicia sobre a fresca verdura das relvas e dos arbustos; mas em vão procuramos para além dos canaviaes e dos grupos d'arvores o que dá a vida a uma paisagem: uma casa de campo,

uma herdade. Apenas avistamos uma cabana, uma unica; uns homens estão junto d'uma pequena ribanceira, uma criança estendida n'uma fragil canôa é embalada na nossa passagem pela esteira que atraz de nós deixamos, mas ninguem alli habita; os homens e a criança vieram d'algumas leguas de distancia. Desceram o rio para segar herva para as vacas e apanhar lenha; partirão antes do anoitecer.

As aldeias abundam nas margens dos antigos canaes; são pequenos grupos de cabanas com uma igreja e um convento rodeadas aqui e alli por alguns moinhos de vento que bracejam contra o céu; cada cabana occupa o logar que antecipadamente lhe foi destinado, sem que na sua construcção possa ser surpreendida a sombra d'um pensamento original. Aqui, a iniciativa individual é inteiramente nulla; o *pope* e o *starost*, official imperial, devem ser consultados para todas as cousas; n'uma cidade russa um rato não ousaria mecher-se sem ser auctorisado por algum artigo do código. O forte Dwina, por estas razões, foi levantado no antigo leito do rio sobre uma lingua de terra, na convicção de que a natureza se subordinaria aos que deram as ordens para a sua construcção.

N'estas regiões ergue-se um grande numero de cruces nas costas e margens das grandes vias maritimas e fluviaes. Quando o céu se torna ameaçador, o marinheiro desembarca, levanta uma cruz, ajoelha e reza; logo que a bonança lhe sorri, levanta-se, parte, deixando na praia erguido aquelle padrão dos seus sentimentos religiosos. Se o perigo é grave toda a tripulação salta a terra, corta e faz esculpturas grosseiras em arvores seculares, ergue um monumento commemorativo, onde o nome da marinhagem e a data ficam gravados. Nas costas do mar Branco a cada passo se encontram estes piedosos signaes; mas é principalmente sobre os rochedos das ilhas santas que o seu grande numero impressiona o viajante. Cada cruz representa uma tempestade.

Alguns d'estes monumentos são historicos. Uma promessa d'este genero levantada por Pedro o Grande, quando se salvou d'um naufragio n'estas regiões geladas, foi arrancada d'onde a erguera o czar e transportada para a cathedral d'Arkangel. «Esta cruz foi



PRAAMS E JANGADAS NO DWINA. — Desenho copiado do natural por J. Moynet

feita pelo capitão Pedro» diz uma inscrição gravada pela mão do imperador. Como elle era de grande habilidade na gravura em pedra e madeira esta obra não deixa de ter uma certa arte e uma certa graça. Não é commovedor este costume que em cada costa deixa um monumento á misericórdia do Senhor? O marinheiro inglez detido por ventos contrarios abandona, com odio n'alma e pragas nos labios, os logares em que esteve arribado. Jack Tar é indubitavelmente um companheiro valente, possuiu merecimentos que não são para desprezar; mas os religiosos habitos do marinheiro russo revelam-nos qualidades moraes não menos apreciaveis.

Continuando a subir o rio encontramos grande numero de jangadas e de *praams* que nos prestam interessantes indicações sobre o viver d'estes habitantes. As jangadas são formadas de madeiras de construcção e de troncos de pinheiros ligados entre si por grossos vimes; em cima teem um cubiculo feito grosseiramente de tabuas em que o dono da jangada dormita enquanto que homens assoldados trabalham na praia, ou ajudam a accelerar a marcha do transporte. Estas jangadas descem o Dwina e os seus affluentes n'um percurso de trezentas a quatrocentas leguas. Os pinheiros e mais madeiras cortadas nas grandes florestas de Vologda e de Nijni-Konets são arrastadas até ás margens dos rios e aqui ligadas, umas ás outras, por mãos fortes e vigorosas de maneira a formarem estas grandes massas fluctuantes. Nas cidades tripulam-se as jangadas gratuitamente; muitos aldeões pobres, desejando ir ao santuario de Solovetsk sentem-se felizes, quando, por este modo, podem descer o rio. Para pagar a passagem estes peregrinos ajudam ás manobras, remam, ou arrastam estas pilhas de madeira nos baixios.

Nos *praams* a vida é menos pesada do que nas jangadas. A fórma d'estas embarcações assemelha-se um pouco ao brinquedo chamado *arca de Noé*; é um immenso casco formado por pinheiros grosseiramente trabalhados, ligados entre si por fortes gatos de ferro. Uma cobertura feita de tabuas e de fórma conica protege os homens e as mercadorias. Um d'estes grandes barcos custa de seiscentos a setecentos *rublos* (valendo o *rublo* 540 réis) e póde transportar até oitocentas toneladas de cereaes. Uma das extremi-

dades do *praam* é solhada para servir de camara; alguns bancos, uma meza, prateleiras, tudo toscamente feito de madeira de pinheiro formam toda a mobilia. N'uma das cavernas balanceia suspensa uma panella de ferro em que os barqueiros cozem os seus alimentos enquanto andam em viagem, porque nos portos é-lhes prohibido ter lume a bordo ou mesmo accender um cachimbo; cosinham em terra. Uma pequena jangada formada de quatro ou cinco troncos, ligados entre si, permite-lhes o facilmente poderem alcançar as margens.

Os *praams*, como as jangadas, tomam a seu bordo uma grande quantidade de peregrinos, a quem dão, além da passagem, uma ração de pão negro e chá pelos serviços que elles prestam ajudando ao leme e a remar. O trabalho não é difficil, porque a corrente arrasta velozmente o barco. Chegada a Solombola a embarcação vende os cereaes aos navios estrangeiros, a maior parte dos quaes seguem para o Forth, para o Tyne e para o Tamisa. O *praam* é em seguida posto em secco, desfeito e vendido. A madeira em melhor estado serve para construcções; o resto é vendido para queimar.

Solombola, o novo porto d'Arkhangel não é outra cousa mais do que um montão de casas construidas de madeira, por aqui e alli esparsas, que fariam recordar os *chalets* suizos se não tivessem uma grande quantidade de cupulas verdes que lhes dá o aspecto de uma cidade bulgara. Á margem do rio estende-se uma facha d'areia d'altura de cinco ou seis pés, mas em seguida ha um rebaixamento no terreno de tal ordem que, havendo uma inundaçáo, só este areal domina as aguas. Solombola é uma cidade aquatica; na primavera, quando o rio cresce com o degelo, as aguas invadem tudo e para andar na povoação é preciso, como em Veneza, o ter-se um barco.

Um facto bastante curioso é, que n'este areal de cinco ou seis pés d'altura não ha um unico grão d'areia que russo seja: todo o areal é formado do lastro trazido ao Dwina pelos navios estrangeiros, principalmente por os que vem de portos inglezes. Este montão de seixos, de conchas, d'areia provém quasi exclusivamente de Londres, de Liverpool e de Leith; o commercio que a Russia faz com a Inglaterra tem esta parti-

cularidade característica : consiste unicamente em exportação. A Rússia envia-nos tudo quanto tem para vender : os seus cereaes, o linho, o alcatrão, os pinheiros, as esteiras, as pelles ; o que em troca lhe mandamos é nada ou quasi nada. Pequenas quantidades de vinho, algumas machinas de cerração de que nós somos unicamente os agentes, eis em que consiste a troca da Grã-Bretanha com o norte. O pagamento faz-se em ouro, os navios vem em lastro ; a balança do commercio entre os dous paizes tem sempre n'um dos pratos a . . . areia e as conchas das praias inglezas.

IV

ARKHANGEL

Quando se entra no Dwina pelo oceano Artico a primeira impressão que se experimenta, a primeira reflexão suggerida pela vista dos homens e das cousas, é que nos aproximamos do Oriente.

Depois d'entrar a barra, nota-se que o piloto nunca mais deita a sonda.

«Não tenham cuidado, diz elle, tem bastante agua ; nenhum perigo nos succederá, salvo se Deus o quizer.»

Aqui muito raramente um piloto se serve da sonda. Segundo os regulamentos a agua na barra deve ter umas vezes uma profundidade, outras vezes outra ; para que preoccupar-se um piloto em medir ? A corda que descesse á agua não a faria augmentar nem diminuir.

Quando se entra pelo delta vêem-se camponeses reunidos nas margens ; nem um só, quer seja homem quer seja mulher, deixa de trazer ás costas uma pelle de carneiro, vestuario que se póde dizer característico das tribus nomadas ; nunca tal se encontrou nas raças sedentarias.

O primeiro olhar lançado sobre a cidade de Arkhangel impressiona-nos pela grande quantidade de torreões e cupulas ; torreões invariavelmente dourados e cupulas de todas as côres e em tão grande numero que se não póde deixar de julgar que uma grande disproporcionalidade existe entre estes vistosos ornatos e o numero d'habitantes.

Cousa notavel ! o capitão de navios que chega a estas paragens não encontra um

caes, uma doca, uma escada. Fundeia como póde, prolonga-se com as margens o navio, com o auxilio de croques e da povoação, recebe o mesmo auxilio que se tivesse ancorado no porto turco de Widdin ou de Routchouk. Em parte alguma do mundo, a não ser em algumas cidades da Palestina, existe um commercio tão consideravel organizado em condições tão rudimentares.

Caminhando por esta praia d'areia ingleza para a cidade, que se avista com as suas brilhantes flechas, fica-se sabendo que, como *Alep*, Arkhangel não tem uma hospedaria, onde os viajantes possam encontrar um abrigo.

Se, admirado, se procura explicar estes singulares costumes, lancem-se os olhos sobre um mappa e notar-se-ha que Arkhangel fica situado um pouco a éste do meridiano de Méca e Trebizonda.

E comtudo as vias abertas pelo Dwina não são as do verdadeiro Oriente. Ao ancorar, talvez que o piloto se aproxime de vós e vos aperte a mão (os Russos das classes inferiores são muito expansivos) ; se esta insinuação não fôr comprehendida ciciar-vos-ha ao ouvido, como se tratasse d'um importante segredo, que se ha poucos estrangeiros que subam o Dwina, não ha um unico que não offereça um *na-chai* (chavena de chá) ao homem que o livrou do mar das tempestades. Mas apresso-me a dizel-o, o detestavel habito de *untar* as mãos aos empregados do porto já hoje não existe. O reinado actual, que tantas reformas tem operado n'este sentido, fez uma excellente. Reduziu o numero bastante consideravel dos empregados nos portos e augmentou-lhe os ordenados.

Nenhum funcionario tem hoje um vencimento ridiculo e nenhum ousaria acceitar qualquer gorgeta. O principe Obolenski, chefe d'este complicado serviço, é um homem de character energico, d'uma honradez incorruptivel : o seu zêlo vigilante fez desaparecer estes abusos vergonhosos que com razão foram estigmatizados por tantos viajantes. Julgar-se-ha da severidade na administração d'este genero de serviços por um facto que pessoalmente eu conheci. Um capitão de navios presenteou um empregado do porto com uma duzia de laranjas ; o presente não tinha um grande valor absoluto, mas, sendo raros no paiz estes fructos, consideram-nos como

um mimo muito delicado. Quando o funcionario superior do porto teve conhecimento d'este facto, encolerisou-se e castigou o empregado subalterno fazendo-o occupar um logar inferior. «Se hoje aceita uma laranja, amanhã aceitará um rublo, disse elle»; um anno completo passou sem que o imprudente funcionario podesse reconquistar a posição perdida.

O novo systema tira á Russia um certo sabor oriental; mas, com o tempo, fará com que o mais modesto empregado conheça ser um homem e que a si proprio se respeite.

Arkhangel, no sentido que nós ligamos á

palavra, nem é um porto, nem uma cidade. Não tem como Hull ou como Hamburgo uma grande quantidade de docas, armazens, lojas, carros, carruagens, tudo animado por um importante commercio interior. Arkhangel é um montão d'armazens agrupados em volta d'uma grande quantidade de torres, de cupulas e de zimbórios. Imagine-se ao longo d'um largo rio sombrio, um vasto pantano, aqui e alli salpicado de pequenas ilhas d'argilla; ergam-se sobre estas elevações edificios ornamentados de fresco, encimados por cruces e por cupulas; encha-se o espaço que separa igrejas e conventos com estacadas e



CASA (ISBA) DO NORTE DA RUSSIA — Desenho copiado do natural por E. Moynet

palissadas de fórma a reservar uma superficie bastante para jardins, ruas, pateos; abram-se duas largas ruas, estendendo-se n'uma distancia de tres ou quatro milhas, desde a igreja chamada a *Esposa de Smith* até ao mosteiro S. Miguel; pintem-se os muros dos edificios religiosos de branco, as cupulas e zimbórios de verde ou azul; cerquem-se as casas de jardins sem muros; ponha-se a cada janella um geranio, uma fuxia, um loureiro-rosa; deixe-se crescer a relva por toda a parte nas ruas, nas praças... e ter-se-ha Arkhangel.

A meio caminho do mosteiro no bairro *Esposa de Smith*, sobre os monticulos d'argilla de que já fallamos erguem-se, em gru-

pos pittorescos, os edificios publicos; a cathedral, a casa da camara, o tribunal, o palacio do governador, o museu, tudo recentemente construido; de maneira que as vivas côres com que são exteriormente pintados ostentam ainda todo o seu brilho. As colleções do museu são pobres; os dourados da cathedral são d'uma grande riqueza. Vista de longe, com as suas torres esguias, bem lançadas e com os seus zimbórios, Arkhangel tem mais o aspecto d'uma cidade santa do Oriente do que o de uma praça commercial.

Todavia é este porto o unico verdadeiramente russo. Astrakhan é tartaro; Odessa italiano; Riga livonio; Helsingfors finilandez.

Nenhum d'estes é propriamente russo. A lingua que n'elles se falla não é a russa. Ganhos com a espada podem pela espada ser perdidos; porque como todas as conquistas, estão submittidos aos acasos d'uma guerra. A verdadeira Russia, a Grande Russia podia perdê-los sem sentir um grande abalo. É bastante extensa para poder guardar a sua independencia, bastante rica para ainda continuar prospera depois de ter renunciado a este cinto de Russias menores no qual, para seu triumpho e para seu castigo, está apertada. Arkhangel está em outras condições: é a unica via que a liga ao mar, que a põe em communicação com o mundo; é o escaudouro da sua bacia septentrional, a sahida que Deus lhe abriu e que á Russia não pôde ser arrancada pelos homens.

A nós, europeus do Occidente, Arkhangel pôde-nos parecer excessivamente sobrecarregada de zimbórios e de torres, assim como o delta está pejado de cruces; o que para nós lhe dá importancia são os seus immensos armazens de cereaes, d'alcatrão, de madeiras e de pelles; mas para os habitantes Arkhangel é o domicilio do archanjo, o porto onde embarcam os peregrinos que vão a Solovetsk, uma porta para o céu.

V

A VIDA RELIGIOSA

Um amigo meu levou-me um dia, em Arkhangel, de casa em casa, a fazer visitas; notava eu que, ao entrar e ao sahir, encontravamos sempre um homem fardado, com um ar elegante. Admirado d'esta persistencia, disse:

«Parece-me que este homem nos anda seguindo».

— Não! respondeu sorrindo o meu amigo: é um agente de policia russa.

— Mas porque nos segue?

— Nem em nós pensa; anda avisando todos os grandes proprietarios que esta noite devem pôr luminarias.

— Luminarias! para que?

— Em honra do czar. Hoje é o dia do santo do seu nome; ás oito horas verás illuminar todas as ruas expontaneamente... por ordem da policia.

— Mas com certeza a policia nunca intervem; o imperador é popular. Quem esquece Santo Alexandre?

— Enganas-te; o povo nem n'isso pensa. Repara; as lojas estão abertas; todos trabalham como em outro qualquer dia do anno. O burguez e o aldeão pouco se importa com os reis ou com as rainhas: só conhece o seu anjo da guarda, o santo da sua devoção. Não lhe peçam um serviço qualquer no dia do seu patrono, antes quereria ser engulido pela terra do que n'esse dia de festa fazer um trabalho qualquer. O camponez na Russia não é cortezão, mas é religioso.

Depressa reconhecí que o meu amigo tinha razão, posto que os exemplos em que se apoiou para demonstrar os sentimentos piedosos d'este povo ao principio me tivessem surprehendido.

O sentimento que, no coração d'um Russo, domina todos os outros, é o sentimento do dever para com o creador. Psychicamente este sentimento produz a adoração, exteriormente manifesta-se pelo ceremonial; existe em todas as classes da sociedade, patenteia-se em qualquer situação da vida. Encontra-se nos exercitos em marcha, nas multidões que se agglomeram nas feiras, nas aulas repletas d'estudantes; presente-se na princeza que walsa n'um baile, no negociante que faz a sua escripturação, no camponez que arranca a sua carroça d'um atoleiro, no salteador dividindo o roubo.

Esta religiosidade decora o paiz com templos e com altares e abre as almas ao arrependimento. Cada aldeia possui um relicario, todas as crianças rezam ao seu anjo da guarda e trazem pendentes ao pescoço uma cruz. Se os habitantes são ricos de dons espirituaes, nas cidades abundam as egrejas e os conventos. Em Kargopol, cidade de duas mil almas, cõtei vinte. Moscou tem, dizem, mais de quatrocentos templos e capellas; Kiev não é menos rica, se attendermos á sua população. A recordação de todos os acontecimentos publicos perpetua-se com uma egreja. Em Kiev, o tempo de Santo André recorda a visita d'um apostolo; o de Santa Maria, a implantação do Christianismo. S. Vassali, em Moscou, foi edificado para celebrar a conquista de Kazan; o convento de Donskoï, a victoria de Fedor sobre os Tartaros da Crimeia; S. Salvador foi erigido para dar graças aos céos



A BENÇÃO DAS AGUAS — Desenho copiado do natural por I. Moynet

pela derrota de Napoleão. A primeira batalha ganha pelos Russos aos Suecos fez construir a igreja de S. Alexandre em Petersburgo; Santo Isaac foi levantada em memoria de D. Pedro I. Quando nós construimos uma ponte, os Russos erguem um templo; os monumentos religiosos teem em si escripta em caracteres esplendidos a historia politica e social do imperio.

Noite e dia, desde o berço até ao tumulo, um Russo vive, por assim dizer, na sociedade com Deus, consagrando ao seu serviço tempo e dinheiro que na Europa occidental ninguem pensaria dedicar-lhe. Como o Arabe, o Slavo é essencialmente religioso; o abysmo que separa uma tal raça do Saxão e do Gaulês é mais profundo que pôde imaginar todo aquelle que ainda não visitou o Levante.

Entre-se n'uma cabana russa e encontra-se um templo. Todos os compartimentos estão benzidos, em cada um ha uma imagem, um altar. O pae de familia entra em sua casa com respeito, pára um momento no limiar, descobre-se, faz o signal da cruz e recita um versiculo da lithurgia santa.

A cruz recebida no baptismo, essa cruz que o Russo traz consigo até á morte, é o emblema da sua fé. Criança, a religião acompanha-o nos folguedos e nos estudos; homem, segue-o nas suas alegrias e desventuras. Todos os estabelecimentos escolares teem uma collecção de rezas apropriadas ás diversas circumstancias da vida universitaria; ha formulas d'invocação para serem recitadas no comêço dos annos lectivos, em vespéras de ferias, na abertura das aulas. O mesmo acontece nas fabricas e nas granjas. As rezas variam com o trabalho; mas todos, homens e crianças, levantam cada dia ao céo longas e fervorosas preces, todos se submettem á lei

do jejum. Este acto d'ascetismo é rigorosamente observado; mais de metade do anno russo é consagrado á penitencia. Durante as sete semanas precedentes á festa da Paschoa é defeso o comer-se carne, peixe, leite, ovos e manteiga. Seis semanas antes do Natal, um mez antes do S. Pedro tem-se a mesma abstinencia, exceptuando peixe que pôde ser comido. Em quinze dias do mez d'agosto observa-se um rigoroso jejum em honra da Virgem, da qual se celebra a Assumpção gloriosa. As quartas e sextas-feiras de cada semana são egualmente dias destinados a mortificações semelhantes. Além d'estes sacrificios communs a todos, o christão Russo prepara-se para a confissão e para a communhão com uma austera penitencia. Deve abster-se de qualquer alimento gordo, de qualquer doce, do assucar, de fumar, de tomar qualquer alimento preparado pelo fogo.

Sabbado d'Alleluia, dia em que se abençoam as aguas a ninguem é permittido o beber ou comer antes da cerimonia se effectuar, isto é, ás quatro horas; então bebe-se a agua benta e todos tomam as suas refeições com o coração a trahbordar de santa alegria. Para fazer provisão d'agua benta homens e mulheres correm ás igrejas com potes, jarros, urnas; cada fiel traz uma vela que accende no sanctuario para depois a levar para defrente da imagem do seu patrono, onde acaba de se queimar.

Toda a casa que vae de novo ser habitada, toda a loja que se abre deve ser benzida. Quasi todos os mezes o *pope*, seguido d'um sachristão e d'um diacono, visita as casas da sua parochia, asperge os quartos com agua benta, purifica-as com rezas e benze-as.

(Continúa).

ASCENSÕES NOS ALPES

(Continuado do numero antecedente)

UNICAMENTE a ausencia de Macdonald e a falta de um pau me impedia de começar a subir. Reynaud aconselhou-me a procurar o director do correio, possuidor d'um pau celebre n'aquella localidade. Fomos a essa casa, mas estava fechada; chamamos

em grandes gritos pelas fendas da porta; nada de resposta. Por fim descobriu-se o director no momento em que, e com extraordinario exito, se esforçava por embebedar-se. Apenas tinha forças para gritar: «A França é a primeira nação do mundo!» phrase favorita do Francez, quando está n'esse estado

em que o Inglez começa a dizer: «Só entraremos em casa de manhã». A gloria nacional occupa o primeiro lugar nos pensamentos d'um, enquanto que, nos do outro, é o *home*. Afinal appareceu o pau; era um galho de carvalho de um metro e setenta centímetros de comprimento, nodoso e alguma coisa torto.

«Senhor, disse o director do correio, entregando-o, a França! é a primeira... a primeira nação do mundo para os seus...»

«Parou.

— «Paus? perguntei.

— «Sim, sim senhor; para os seus paus, para os seus... seus...»

«Não foi capaz de dizer mais nada. Olhando para este fragil apoio, com inquietação pensei na minha propria fraqueza; mas Reynaud que tudo conhecia na aldeia, pessoas e cousas, affirmou-me que não encontraria outro melhor. Partimos com o afamado pau, deixando o seu proprietario, cambaleando pela estrada, gaguejando: — «A França é o primeiro paiz do mundo»!

«Amanheceu o dia 3 d'agosto, mas não tendo apparecido Macdonald, partimos para Vallouise. A expedição compunha-se de Reynaud, da minha pessoa e d'um carregador, João Casimiro Giraud, o sapateiro de Besée, por alcunha o *petit clou*.

«Em hora e meia de marcha rapida chegamos a Ville-Vallouise enthusiasmos com a vista dos bellos picos de Pelvoux que resplandeciam ao sol n'um formoso céu sem nuvens. Renovei relações com o *maire* de Ville. Tinha um feitio original e modos amaveis; mas o cheiro que exhalava era horrivel. O mesmo acontece á maior parte dos habitantes d'estes valles.

«Reynaud tratou das provisões, mas no momento da partida, vi, bastante contrariado, que, encarregando-o d'esses cuidados, consentira tacitamente em que levasse um pequeno barril de vinho, que desde o comêço da viagem se tornou um grande embaraço.

«Era de difficil transporte na mão.

«Reynaud tentou leval-o, em seguida passou-o a Giraud e por fim suspenderam-no a um dos paus que os dois levaram aos hombros.

«A Ville na Vallouise divide-se em dois ramos: o Valle d'Eutraignes á direita e o pequeno Valle d'Alefred (ou Ailefroid) á esquerda; era por este ultimo que deviamos ir. Com

passo firme dirigimos-nos para a aldeia de Pisse, residencia de Pedro Sémiond que, na opinião geral, conhecia melhor o Pelvoux que outro qualquer habitante do valle.

«Este homem pareceu-me honrado; infelizmente estava doente e não nos podia acompanhar. Contudo recommendou-nos seu irmão, velhote cuja cara enrugada e encarquilhada não nos promettia o guia de que precisavamos; não tendo por onde escolher, ajustamol-o e partimos.

«Nogueiras e uma grande variedade de outras arvores orlavam o caminho; a frescura e a sombra davam-nos um novo vigor; por baixo de nós, no fundo d'uma garganta medonha, roncava uma torrente proveniente das neves que nós no dia seguinte esperavamos calcar.

«O Pelvoux não se avista de Ville; escondia-se-nos atraz d'uma montanha intermediaria, pelo sopé da qual caminhavamos para chegar aos *chalets* d'Alefred como muitas vezes são chamados, d'Ailefroid como lhes chamam os que fallam com propriedade. Os picos inferiores, vistos d'estes *chalets*, parecem exceder em muito a altura dos que por detraz lhes ficam e algumas vezes escondel-os completamente. Mas d'um só golpe de vista e em toda a sua altura abraça-se o pico conhecido nos valles com o nome de «Grand Pelvoux» que desde o vertice até á sua base tem entre dois mil e dois mil e trezentos metros de rochedos cortados a pique.

«Os *chalets* d'Ailefroid são um montão de miseraveis cabanas de madeira construidas junto do Grand Pelvoux e perto da conjunção das torrentes que descem da geleira Sape-niere (ou dos Selé) á esquerda e das geleiras Blanc e Noir á direita. Descançamos alli alguns momentos para comprar alguma manteiga fresca e leite, e Sémiond acrescentou a comitiva com um garotito para ajudar a levar, a empurrar e a rolar o nosso barril de vinho.

«Para lá dos *chalets* d'Ailefroid, voltamos bruscamente á esquerda; o dia que chegava ao seu termo alumiaava-nos com a sua luz crepuscular. A imaginação nunca poderia sonhar um valle d'aspecto mais triste e devastado; pelo espaço de muitas milhas nada mais se vê que penhascos ameaçadores, montões de pedregulhos enormes, areias, lama; as arvores são raras e em tão alto depen-

duradas que se tornam quasi invisiveis. Ninguem o habita. Não ha nem aves no ar, nem peixes nas aguas; os declives muito escarpados para os cabritos não offerecem abrigo aos ratos e á propria aguia não agradam. Durante quatro dias não vimos um unico sêr n'este selvagem e esteril valle, a não ser algumas cabras que para alli tinham sido levadas, bem contra vontade.

«Era um digno scenario para a tragedia que quatrocentos annos antes alli se representará — o massacre dos Vaudezes de Vallouise — na caverna (la Balme Chapelu) que n'esta posição descobriamos muito acima de nós. Bem triste é esta historia. Pacificos, industriosos, os Vaudezes havitavam, havia mais de tres seculos, n'estes valles retirados, na mais obscura tranquillidade. Alguns arcebispos d'Embrun tentaram com pouco exito convertel-os; outros, querendo obter melhor resultado, começaram por os encarcerar e torturar ¹ e acabaram por os queimar vivos. ²

«No anno de 1488, Alberto Cattané, arcebispo de Crémoux e delegado do papa Innocencio VIII, dispunha-se a commetter as barbaridades que mais tarde excitaram a indignação de Milton e apavoraram Cromwell; ³ mas por toda a parte repellido pelos Vaudezes do Piémonte fugiu-lhes, atravessou o Mont-Genèvre e cahiu sobre os Vaudezes do Dauphiné que eram mais fracos e estavam mais espalhados. Cattané invadiu o Valle da Durance á frente d'um exercito composto, dizem, metade de tropas regulares e metade de vagabundos, ladrões e assassinos; para os attrahir e reter sob o seu commando, adeantadamente lhes promettia a absolvição de todos os seus crimes, annullava-lhes os votos que tivessem feito e garantia-lhes a posse de todos os bens que violentamente adquirissem.

¹ Entre as contas correntes do Bailio d'Embrun encontramos esta extraordinaria verba «Item para a perseguição dos Vaudezes» oito soldos e trinta dinheiros d'ouro — Muston vol. 1 pag. 38.

² A 22 de maio de 1393 oitenta pessoas dos valles de Freissinières e d'Argentière e cento e cincoenta pessoas de Vallouise foram queimadas em Embrun. — Muston vol. 1 pag. 41

³ Veja-se *Histoire des églises evangeliques du Piemont* por Morlan, 1638; os *Actes de Cromwell*, 1678, e o jornal de Burton 1828.

«Os habitantes de Vallouise, fugindo deante d'um exercito dez vezes superior ao seu numero, refugiaram-se n'esta caverna, onde tinham accumulado alimentos sufficientes para dois annos. Mas a intolerancia é sempre industriosa; o esconderijo foi descoberto. Cattané tinha um capitão que á astucia d'um Herodes reunia a crueldade d'um Pélissier; por meio de cordas fez descer os seus soldados até á caverna, em cuja entrada acenderam enorme fogueira; a maior parte dos Vaudezes que alli se tinham refugiado morreram asphixiados; os que poderam escapar ás chammas foram massacrados. Os Vaudezes sem distincção d'idade nem de sexo foram desapiadadamente exterminados. Affirma-se que mais de tres mil pessoas tiveram fim n'esta crudelissima hecatombe. O resultado de trezentos e cincoenta annos de paz foi n'um só momento aniquilado; o valle ficou completamente despovoado. Depois d'este facto já tres seculos e meio são passados; veja-se o resultado obtido: uma raça de macacos.

«Depois de termos descançado perto de uma nascente continuamos ávante até chegarmos á geleira Sapieniere; alli, Sémiond fez-nos voltar á direita para subir pelas encostas da montanha. Trepamos por entre pinheiros e penedias. A noite aproximava-se; era já tempo de procurar um abrigo. Não era difficil encontral-o; estavamos no meio d'um cahos de rochedos. Resolvemos passar a noite debaixo d'um penedo enorme que tinha mais de quinze metros de comprimento sobre seis de alto. Limpo o logar onde nos deviamos abrigar, apanhamos lenha para fazer uma fogueira. Este lume d'acampamento deixou-me agradaveis recordações. O barril de vinho escapara a todos os perigos; foi aberto e os francezes arrancaram do detestavel liquido algumas consolações. Reynaud cantou alguns fragmentos de canções francezas e todos deram o seu contingente d'historias, de versos e de coisas engraçadas. O tempo estava magnifico e tudo nos promettia um dia formosissimo. A alegria dos meus companheiros foi sem limites, quando lancei na fogueira uma porção de fogos de Bengala. Um instante antes de se abrir em feixes luminosos d'uma côr deslumbrante, sibilou e estalou. O effeito d'esta illuminação momentanea foi magnifico; depois

as montanhas illuminadas durante segundos foram de novo cobertas pelo seu pesado manto de trevas. Todos foram pouco a pouco adormecendo e por fim eu tambem me introduzi na minha manta-sacco. Esta precaução era desnecessaria; a temperatura minima, posto que estivessemos a uma altura de dois mil metros, era superior a quarenta graus Fahrenheit.

«Às tres horas estavamos acordados; contudo só partimos ás quatro horas e meia. Giraud só estava contractado para vir até este rochedo; mas, como manifestou desejos de fazer o resto da excursão, consenti em que nos acompanhasse. Trepando com vigor aquellas encostas quasi aprumadas, depressa attingimos os limites arborisados, depois, durante duas horas, tivemos de subir por entre rochas. Às sete horas menos um quarto tinhamos chegado a uma estreita geleira — *Clos de l'Homme* — e depressa attingimos as alturas da geleira Sapeniere. Inclinando-nos sempre sobre a direita fizemos todos os esforços para a não atravessar; mas, constantemente obrigados a retroeder, reconhecemos que era necessario passal-a. O velhó Sémiond tinha uma antipathia muito pronunciada pelas geleiras e fazia todas as diligencias por encontrar um caminho que lhe evitasse esta perigosa passagem; mas Reynaud e eu preferiamos arriscar-nos e Giroud fazia o que nós fizessemos. A geleira era estreita (uma pedra, atirada d'um lado, cahiria no outro) e foi facil caminhar até ao centro; mas aqui elevava-se uma especie de zimbório perfeitamente liso onde foi necessario abrir pontos d'apoio. Giraud ia na frente e, dizendo que se queria exercitar, agarrou na nossa machadinha que nunca mais abandonou. N'esse dia e em todos os seguintes, sempre que foi necessario atravessar corredores cheios de neves endurecidas, tão abundantes na parte superior d'estas montanhas, elle só e magnificamente fez este fatigante trabalho.

«O velhó Sémiond veio juntar-se a nós depois de termos atravessado a geleira. Escalamos, descrevendo zig-zags, algumas rampas de neve e começamos a subir a interminavel serie de contra-fortes que são a grande singularidade de Pelvoux. Muito difficéis em certos pontos, geralmente offerciam uma base solida e, em taes condições, uma ascensão não póde ser chamada perigosa. Entre estes

contra-fortes escancaram-se numerosos barrancos algumas vezes muito largos e profundos. A maior parte estavam entulhados de destroços e um homem só devia ter muita difficuldade em poder atravessal-os. Aquelle que caminhava na frente era continuamente obrigado a desviar enormes pedregulhos e a puxar para si os companheiros com a ajuda do croque do seu pau ferrado. Estes diversos incidentes quebravam a monotonia da nossa ascensão que, sem isto, se tornaria muito aborrecida. Escalamos assim paredes aprumadas e saltamos barrancos, julgando sempre chegar ao fim sem nunca o conseguirmos. Estavamos no sopé d'um grande contra-forte cuja altura era pelo menos de sessenta e cinco metros e olhavamos para a sua parte superior. Não nos parecia que terminasse em ponta, porque da posição em que estavamos não lhe podiamos descobrir o vertice; era todavia nossa convicção, que por detraz d'estes formidaveis baluartes devia apparecer o cume que tão ardentemente procuravamos. Trepando com perseverança escalavamos um d'estes bastiões; mas sempre outro, e outro, se via por detraz d'este. Por fim chegavamos ao mais alto; mas não era ainda mais do que um contra-forte e tinhamos de descer quinze ou vinte metros para de novo começar a subir. Repetida algumas duzias de vezes esta evolução, por não sabermos onde estavamos, principiou esta ascensão a parecer-nos ainda mais fastidiosa. Contudo Sémiond animava-nos, certo, dizia elle, de estarmos no verdadeiro caminho. Voltamos de novo ao assalto da terrivel fortaleza.

«Estavamos quasi no meio do dia e avistavamos o cume do Pelvoux tanto, como quando tinhamos partido. Por fim reunimos-nos para deliberar.

«Sémiond, sabe onde estamos agora?

— Oh! perfeitamente, a uma meia hora das neves.

— Muito bem, continuemos.

«Passou a primeira meia hora, depois outra e nós continuando na mesma, contra-fortes mais ou menos elevados, barrancos, precipicios, mas o plató procurado não se avistava. Sémiond lançava em volta de si olhares espantados, como se não estivera certo no caminho que devia seguir. Chamando-o de novo repeti-lhe a pergunta:

«A que distancia estamos do plató?

— A uma meia hora, respondeu.

— Mas isso mesmo disse você ha pouco; tem a certeza de que é este o verdadeiro caminho?

— Sim senhor, eu julgo que sim.

«Julgava; não era o bastante.

«Tem a certeza de que subimos directamente ao pico d'Arcines?

— Pico d'Arcines! exclamou elle admirado, como se tivera ouvido estas palavras pela primeira vez. Para o pico d'Arcines não; mas vamos em linha recta á pyramide, á celebre pyramide que eu ajudei a construir ao intrepido capitão Durand.

«Tinhamos-lhe fallado um dia inteiro n'este pico e agora confessava não o conhecer! Voltei-me para Reynaud.

«E esta?

«Reynaud encolheu os hombros.

«Pois então dissemos nós, depois de claramente termos explicado a situação a Sémiend, mais vale voltar para traz; pouco nos importa vêr essa pyramide.

«Depois d'uma paragem d'uma hora começamos a descer; gastamos perto de sete horas a chegarmos ao nosso rochedo, mas não calculei a distancia e nenhuma recordação tenho d'este insupportavel trajecto. Apenas tinhamos descido fizemos uma descoberta que nos perturbou tanto como uma pegada commoveu Robinson na sua ilha deserta: um véo azul estava no chão ao pé da fogueira da vespera. Isto só podia ter uma explicação: Macdonald tinha chegado; mas onde estaria elle? Depressa pegamos na nossa limitada bagagem e, ás apalpadellas e precipitadamente, começamos a descer por aquelle deserto pedregoso até Ailefroide, onde chegamos ás nove horas e meia.

«Onde está o Inglez? foi a nossa primeira pergunta. Tinha ido passar a noite a Ville.

«Acommodamos-nos como podemos n'um celleiro e de manhã bem cedo, depois de ter pago a Sémiend, descemos o valle em procura de Macdonald. O plano d'operações estava feito: devia decidil-o a juntar-se-me e recommear a tentativa sem guia algum, levando comigo o mais robusto e o mais intelligente dos meus companheiros, unicamente como carregador. Tinha lançado as minhas vistas

para Giraud, rapaz valente, sem pretenções, sempre prompto para tudo. Mas fiquei desapontado; Giraud tinha d'ir a Briançon.

«Esta ultima parte da nossa primeira excursão foi bastante interessante. Os camponezes que encontravamos perguntavam-nos pelos resultados da nossa expedição e, a delicadeza mais rudimentar obrigar-nos-ia a parar e responder-lhes. Eu receiava não encontrar Macdonald; elle devia, tinham-nos dito, esperar por nós até ás dez horas e o momento fatal aproximava-se. Uma hora e um quarto depois de ter deixado Ailefroide desembo-cava eu quasi correndo na ponte de Ville; mas um cantoneiro, fazendo-me parar, advertiu-me de que o Inglez acabava de partir para Bessée. Correndo n'esta direcção passei por todos os Inglezes que percorriam a estrada sem o encontrar: por fim avistei-o n'um dos ultimos cotovêlos da estrada. Gritei e felizmente ouviu-me. Voltamos para Ville, fizemos novas provisões e n'essa mesma tarde passamos para além do rochedo, que já nos servira d'abrigo, em procura d'um novo sitio em que passassemos a noite. Tivamos resolvido não tomar guia algum, mas, ao passar em Pisse, o velho Sémiend offereceu-nos os seus serviços. Andava bem apezar dos annos e da sua falta de sinceridade.

«Ajustemol-o, disse Macdonald.

«Propuz-lhe a quinta parte do salario que já lhe déra e elle soffregamente a acceitou; mas d'esta vez acompanhava-nos n'uma posição bem mais inferior; nós determinavamos o caminho a percorrer; elle seguia-nos. O nosso segundo companheiro era um rapaz de vinte e sete annos nada correspondendo aos nossos desejos. Bebia o vinho de Reynaud, fumava os nossos charutos e escondia placidamente as nossas provisões, quando estavamos semi-mortos de fome. O descobrirem-se estas suas habilidades de fórma alguma o fez succumbir; chegou mesmo a fazer peor em Ville, augmentando por sua conta as despesas que fizemos, augmento que não pagamos, apezar da viva contrariedade que causamos a este esperançoso moço.

(Continúa.)

WELLINGTONIA GIGANTEA



WELLINGTONIA GIGANTEA é a rainha das florestas. Nenhuma arvore, nem no Novo, nem no Velho Mundo, lhe excede em dimensões.

Este colosso vegetal é um dos mais notáveis habitantes da California. Vive nas partes mais elevadas da Serra Nevada, proximo das nascentes dos rios Santo Antonio e Estanislau, aproximadamente a 1:500 metros acima do nivel do mar.

Mr. Marion, fallando da *Wellingtonia gigantea* no seu esplendido livro *Les Merveilles de la Végétation*, diz que o valle que produz estas arvores occupa uma área de cerca de 160 acres, e que nos mezes do verão goza-se alli de um clima delicioso, completamente livre dos calores suffocantes das terras baixas, e onde a vegetação é constantemente verde e fresca, ao passo que a agua, pura como o crystal, é quasi tão fria como o gélo.

Muito de caso pensado citamos as palavras de Marion para perguntarmos porque é que a *Wellingtonia gigantea* não pôde viver na Europa.

Visitamos recentemente a Inglaterra, Belgica e França. Em todos estes paizes vimos esta *Conifera* com signaes evidentes de que a morte se aproximava d'ella a passos gigantados: todas ellas estavam, por assim dizer, á beira da sepultura.

No congresso de botanica e de horticultura de Bruxellas tractou-se da acção que o frio exerceu sobre as plantas durante o inverno excepcional de 1879-1880 e, accidentalmente, fallou-se das numerosas *Wellingtonias* que não o tinham vencido.

A questão ficaria perfeitamente resolvida se observações contrarias não nos auctorisassem a affirmar que a *Wellingtonia* poderá muito bem morrer n'aquelles paizes com o frio, mas que não é elle que a mata em Portugal.

As regiões da *Oliveira* e da *Larangeira* são regiões características e que determinam perfeitamente o grau da temperatura que convém a um grande numero de plantas.

Ora porque será que a *Wellingtonia* vive

muitos annos sob uma temperatura de 10 graus centigrados abaixo de zero, como succede em Inglaterra, e morre em Portugal em sitios onde o thermometro nunca desce a zero?

Porque será que a *Camellia*, planta delicadissima, se resente quando o thermometro desce a zero e a *Wellingtonia* morre em Portugal com o thermometro marcando 6 graus acima de zero?

São problemas que não sabemos nem podemos resolver.

O que é certo, porém, é que a *Wellingtonia* não perece em Portugal com o frio, mas por outra razão qualquer, que nos é desconhecida.

Ao contrario de todas as outras plantas resiste quando é nova, quando os seus tecidos ainda não adquiriram completamente o estado lenhoso, e começa a mostrar caracteres evidentes de doença quando deveria mostrar mais vigor.

Ainda um facto curioso que apresenta a *Wellingtonia gigantea*.

Na Belgica o thermometro desceu o anno passado a 20 graus centigrados. Todas as plantações de *Wellingtonias* estavam affectadas, mas os ramos terminaes, em muitos casos, nada tinham soffrido.

Porque seria que a parte mais delicada, deixem-nos dizer mais tenra, da planta, estava no seu estado normal, perfeitamente como se não tivesse sentido o frio?

Attribue-se a morte das *Wellingtonias* ao frio, mas nós attribuimol-a a outra razão qualquer, que desconhecemos, é verdade, mas que existe.

Isto é fóra de toda a duvida.

Não convidamos o leitor a fazer a volta do mundo para averiguar o que aventamos, cheios de intima convicção, mas aconselhamol-o a que n'um momento d'ocio visite o jardim do Palacio de Crystal e o da Cordoaria. Tanto n'um como n'outro encontrará a *Wellingtonia* com sigaes bem claros de doença. A 2 ou 3 metros d'alto verá ramos seccos, o que é o character mais evidente do principio da molestia.

Cortam-se esses ramos este anno, mas

para o anno haverá outros que precisarão ser amputados, e, dentro de pouco tempo, será necessario cantar-lhe um solemne *De profundis*, porque a arvore estará proxima a dar a alma ao Creador.

Nos jardins do Palacio de Crystal Portuense plantaram-se em 1865 uns vinte e tantos exemplares da *Wellingtonia gigantea*. Hoje

apenas lá existem quatro ou seis, e não promettem muita duração.

As que estão melhores são as duas que se acham proximas da porta principal, junto ás casinhas da venda dos bilhetes.

Não morrerá a *Wellingtonia gigantea* á mingua de alimento?

É o que resta averiguar; mas nós insis-



WELLINGTONIA GIGANTEA

tiremos em dizer que não é o frio que a mata em Portugal, enquanto não nos derem provas irrefragaveis do contrario.

É esta a nossa opinião, que, com a maior convicção, emittimos no recente congresso de botanica e de horticultura de Bruxellas.

A gravura que acompanha estas linhas foi copiada pelo professor da Academia das Bellas Artes de Lisboa, o snr. João Pedroso, de uma chromo-lithographia publicada na *Illustration Horticole* em 1854.

Comquanto a nossa estampa seja de ta-

manho muito reduzido, póde-se mesmo assim calcular a altura que tem a *Wellingtonia gigantea* que representamos, tomando-se por escala comparativa as pessoas que estão ao pé do tronco. Para pouparmos, porém, calculos, diremos que este monarcha das floresta mede 87 metros d'altura, isto é: tem mais 7 metros do que a torre da igreja dos Clerigos, o monumento mais elevado que existe em Portugal!

DUARTE DE OLIVEIRA, JUNIOR.

PELO MUNDO

EUROPA

Todos aquelles que olham com attenção para os esforços empregados pela metrópole na regeneração das suas colonias seguem com a maior curiosidade os trabalhos planeados pelo actual ministro da marinha e os estudos feitos pelas commissões com esse proposito nomeadas.

O segundo relatório do sr. Luciano Cordeiro acerca das missões ultramarinas acha-se já impresso. N'este documento aquelle erudito trabalhador occupa-se do Seminario de Sarnache do Bom Jardim, aconselhando uma reforma radical n'este estabelecimento.

Na opinião do esclarecido auctor do relatório aquelle instituto d'educação está n'uma decadencia notavel e urge reformal-o. O sr. Luciano Cordeiro apresenta diversos alvites para esta reforma e encarece os resultados que proviriam para o paiz da boa organização d'aquelle Seminario.

Nós, plenissimamente d'accordo com a necessidade de crear bons padres instruidos, que, para as nossas possessões, vão prégar a sã doutrina e dar excellentes exemplos, queriamos tambem para ellas uma reforma radical em toda a sua legislação e funcionalismo. Ter lá optimos padres parece-nos bom, mas ter uma legislação adequada á sua civilização, á raça, parece-nos muito melhor.

A prosperidade das nossas colonias é funcção de tantas quantidades, que o introduzir uma n'esta equação, de modo algum nos dará a solução do grave problema.

— Corre com insistencia o boato de que o principe real D. Carlos na proxima primavera fará uma viagem de grande duração, visitando os principaes portos da Europa e os mais importantes das nossas possessões.

Prepara-se para este effeito uma esquadilha dos melhores dos nossos barcos de guerra que será commandada, dizem, pelo vice-almirante Baptista d'Andrade.

Se esta viagem do herdeiro da corôa portugueza fôr organizada com intuitos praticos deve o futuro rei portuguez tirar d'ella proveitos e solida instrucção das cousas e dos homens; mas, se a viagem de D. Carlos fôr apenas uma digressão de um herdeiro de casa rica, S. A. divertirse-ha sem que a nação d'isso tire o menor resultado.

As nossas provincias ultramarinas estão já tão acostumadas ao abandono de quem gere as cousas do estado que se houvera um reinante ou um futuro monarcha portuguez que as visitasse com o leal intuito de lhes estudar as suas miserias e com o firme proposito de as remediar, ellas, as engeitadas da civilização, pagariam de sobejo com a sua gratidão e com as suas alegrias o pequeno sacrificio que os governantes fizessem.

Applaudimos a ideia da viagem de S. A. se o principe fôr com a tenção de estudar e aprender, e se na sua companhia levar quem o faça vêr as cousas e as pessoas pelo seu verdadeiro lado, criticando e analysando os progressos das instituições estrangeiras e maduramente averiguando dos defeitos da nossa organização colonial.

Estamos certos que é esta a intenção de seus paes e dos poderes de estado que lhe darão assentimento, porque, se assim não fôr, não valeria a pena o fazer a nação tão grande despezas.

— Na ultima sessão da Sociedade de Geographia de Lisboa resolveu-se organizar uma expedição scientifica á Serra da Estrella.

E' natural que a expedição, sendo levada a effeito por pessoas de reconhecida competencia, faça conhecer cousas ainda ignoradas. Dará mais um passo o estudo da flora do paiz, os conhecimentos meteorologicos enriquecer-se-hão d'observações, e os estudos geológicos d'aquella zona poderão dar resultados proficuos.

— O caminho de ferro, esse audaz curioso que tudo tem devassado e tudo saudado com o seu silvo zombeteiro, vae em breve, no espaço d'um anno, talvez menos, arrancar do monte S. Gothardo a hospitalidade d'um estabelecimento, que não ha *touriste* ligeiramente curioso que não conheça e tenha celebrado em prosa mais ou menos elegante.

A perfuração do monte S. Gothardo, em breve concluida, vae obrigar a fechar aquelle tão lembrado hospicio. Dentro em

pouco ninguem subirá o monte firmando-se no seu pau ferrado; atravessal-o-hão percorrendo-lhe as entranhas. Ganhar-se-ha em commodidade, mas perder-se-ha a poesia d'aquellas tão apre-goadas excursões.

AFRICA

Annuncia-se o regresso de Londres de M. James Stewart, chegando de Livingstonia, junto ao lago Nyassa. Este viajante explorou a região, até agora desconhecida, que fica entre os lagos Nyassa e Tanganyka, percorrendo um caminho diferente do que foi seguido por M. Thompson, e chegou á extremidade do Tanganyka só um ou dous dias depois d'este outro explorador inglez.

— O doutor Schweinfurth recebeu recentemente uma carta dizendo-lhe que M. Buchta, viajante austriaco, regressou ao Cairo depois d'uma expedição feita ao lago Victoria Nyanza sob o ponto de vista artistico de tirar photographias.

M. Buchta descreve com negras côres o commercio d'esravos que se faz em Khartoun e nas margens do alto Nilo. O viajante attribue este triste estado de cousas á partida do coronel Gordon.

AMERICA

Segundo os ultimos estudos feitos pelo engenheiro Menocal, o canal por elle projectado atravez do Nicaragua terá uma extensão de 53 milhas e as despezas, primitivamente orçadas em 52,577,748 piastras, não excederão 41,493,839 piastras.

Na ultima sessão da Sociedade dos engenheiros civis em Washington, o secretario, M. John Bogart, leu um relatório recente de M. Menocal, que propõe como traçado mais conveniente o caminho intitulado *Las Lajas*, em vez do *Del Medio* escolhido primitivamente. Para justificar esta sua ultima opinião Mr. Menocal diz que, quando propozera a construcção d'um canal que aproveitando o rio S. Carlos fosse até Greytoun (S. João de Nicaragua), em 1873, n'essa epocha se conhecia pouco a topographia do terreno para lá do valle que fórma a bacia d'este rio. A extensão total da via proposta, desde o Atlantico até ao Pacifico, decompõe-se nas seguintes parcelas: do lago de Nicaragua ao Pacifico, 17 milhas; navegação no lago, 56 1/2 milhas; navegação no rio, 64 milhas; canal a partir do rio S. João até Greytown 36 milhas; isto é: um comprimento total de 173 milhas e meia, das quaes é preciso só abrir 53.

Segundo os calculos de M. Menocal o novo traçado custará 41,383,879 piastras menos que o primeiro: é isto o que produz a redução que acima mencionamos.

— Em parte alguma ha região mais arida e mais secca do que é esse tracto de terreno conhecido com o nome de Novo-Mexico. E' um deserto arenoso, onde a mais escassa nascente d'agua, por mais salobra que seja, tem ainda mais valor do que uma mina d'ouro. Um viajante, ha pouco d'alli chegado, descreve assim as suas impressões:

«Depois de deixar Santa-Fé e antes de chegar a S. Marcos Springe, n'um precurso de 100 milhas não se encontra a menor poça d'agua. Segundo as informações que me tinham sido dadas ao partir eu suppunha que eu e os meus companheiros poderiamos acampar n'este ultimo lugar com a certeza de ali encontrarmos pelo menos agua potavel. Mas essa famosa nascente, que tanto me tinham gabado, outra cousa mais não era, do que uma certa quantidade d'agua quasi estagnada. Dizem que não é insalubre, mas lançando n'ella algumas gotas de sumo de limão immediatamente a presença d'alcalis é accusada. E' forçoso acreditar que os Mexicanos tenham o estomago forrado de cobre, aliás não se explica como elles podem beber d'esta agua impunemente e que por toda a parte a proclamem como a melhor e mais pura de todo o paiz.

Quem quizer que julgue o que serão as outras».

OCEANIA

Os jornaes de Queemland referem que se acaba de descobrir um rio a algumas milhas da ilha Schnappers, perto de Coektown, um grande rio que corre por entre umas margens cobertas de mattas, onde se encontram cedros em quantidade e outras arvores que se julgam serem ebanos.

Lisboa, 22 de novembro.

A. L.



EGREJAS D'ARKHANGEL — Desenho de H. Clerget, segundo uma photographia

A RUSSIA LIVRE

(Continuado do numero antecedente)

QUANDO se casa, quando morre, o Russo recebe da sua igreja cuidados ainda mais maternas do que quando nasce. O casamento, esse sacramento que dá ao homem o sceptro d'auctoridade, que faz d'elle um chefe de familia, é um acto longo e complicado, cujas cerimonias, de uma grande exactidão como symbolos, teem inexcidivel interesse debaixo do ponto de vista artistico. Ascendem preces ao throno do Eterno, trocam-se aneis, as benções do Senhor são solicitadas para o novo par, uma corõa d'ouro é collocada sobre a fronte dos noivos.

«Ivan, servo de Deus, diz o *pope*, receba por esposa a Nadia, serva de Deus».

Ha noivos que conservam o diadema nupcial por espaço d'uma semana, e depois vão

entregal-o na sacristia, onde, em troca, recebem uma benção. A religião dá aos mais humildes este escasso momento de brilhantismo. Na occasião do casamento a noiva é sempre uma rainha e o noivo um rei, embora elle e ella sejam servos.

Todos teem um anjo que os acompanha desde o berço até ao tumulo, um espirito testemunha das suas acções, que não póde ser enganado. No seu quarto, por cima do travesseiro, colloca o Russo a imagem d'este guarda celeste, e uma lampada arde incessantemente em sua honra. O dia d'este anjo deve ser religiosamente guardado, e unicamente dedicado a obras pias. Prepara-se um jantar, para que são convidados parentes e amigos; distribuem-se esmolas aos pobres. Vae-se á igreja; compram-se alli pães con-

sagrados, que se dão aos criados, aos hospedes, ás visitas. O *pope* vem, com o evangelho e a cruz, recitar ao anjo rezas em que o dono da casa, conforme a sua fortuna, lhe offerece um presente. Pelo santo do seu nome o Russo professa um culto igualmente ardente. Nada no mundo o obrigaria a mudar o nome que recebeu no baptismo.

Um Russo era accusado de ter feito um passaporte falso e de ter querido passar por outro. «Como podem acreditar em tal, respondeu elle admirado, eu trocar o meu nome?! Teria perdido o meu patrono; unicamente mudei a terra da minha naturalidade.

De tal modo os sentimentos religiosos se entranharam na vida social, que, até certo ponto, os direitos civis estão dependentes de se praticarem os deveres religiosos. Todos sabem serem obrigados a ouvir missa todas as semanas, a confessar os seus peccados, a tomar a santa communhão uma vez por anno. O que não cumpre estes deveres incorre na morte civil, a não ser que, por arranjos usados em mais d'uma provincia, se obtenha do *pope* um attestado de, com assiduidade, ter frequentado a igreja da parochia.

VI

OS PEREGRINOS — FREI JOÃO

Depois do zêlo religioso, a paixão que exclusivamente domina o coração dos Russos é uma irresistivel inclinação para a vida nomada.

Todas as tribus slavas manifestam, mais ou menos, esta tendencia; estar hoje aqui, amanhã acolá, viver em tendas, como faziam os antigos patriarchas, é o seu desejo irresistivel. Mas esta tendencia manifesta-se em maior grau no Russo do que no filho da Bohemia ou da Servia.

Ainda hoje se encontram vestigios d'esses costumes errantes, principalmente nos peregrinos.

Os peregrinos caminham a pé, em bandos de cincoenta ou sessenta homens, mulheres, crianças, cada um com o seu pau na mão, com uma cabaça pendente da cintura, edificando o paiz com o espectáculo da sua religiosidade, ajoelhando-se diante das capellas que encontram, de dia e noite entoando can-

tigos. As crianças psalmodiam um canto monotono, terminando cada estrophe com este estribilho:

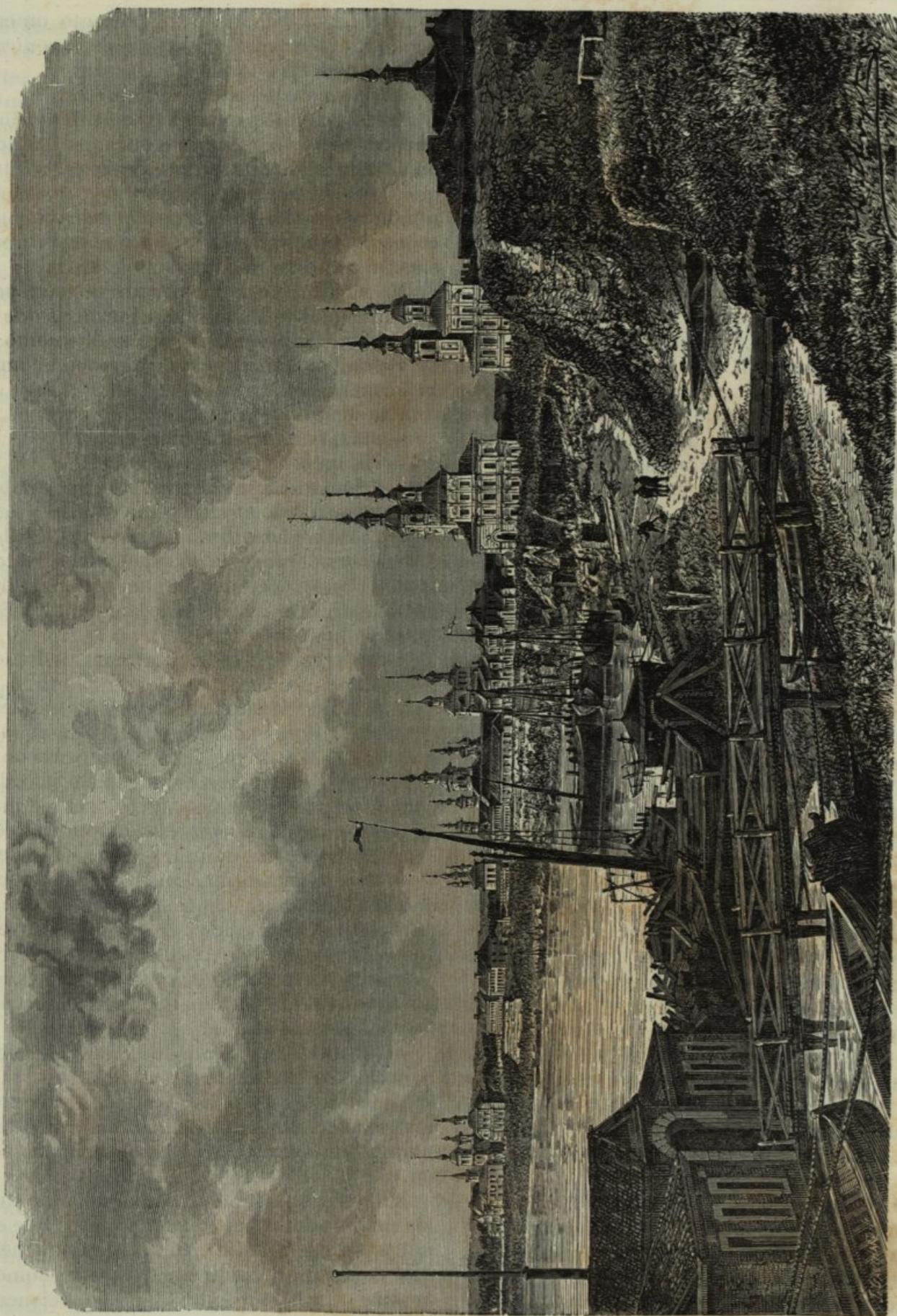
Bons paes, ternas mães,
Dae-nos pão.

Esta supplica é sempre attendida, porque todo o mundo imagina que o peregrino, que pede, póde ser um anjo, um enviado do Senhor: dar-lhe esmola é de bom presagio.

Comtudo, é preciso confessal-o, uma parte d'estes ranchos é composta de especuladores, negociantes de reliquias d'uma authenticidade duvidosa que vendem ás criadas e ás velhas credulas.

Um camponez que antigamente, pastoreando o seu gado, o teria acompanhado de campina em campina, agora pede ás peregrinações uma liberdade que lhe é negada pela sociedade civilisada. Sente-se encantado por não pagar imposto, por não ter de trabalhar, por não ter mulher nem filho, por emigrar de provincia para provincia; é um mendigo, um vagabundo, um impostor. Mas quando um peregrino passa defronte de qualquer habitação, novos e velhos lhe dirigem esta saudação que agradavelmente lhe lisonjeia os ouvidos: «Para que logares, ó amigo, dirige o Senhor os teus passos?» Mais cedo ou mais tarde encontra um rancho de peregrinos no qual é acolhido como um irmão. Encontram-se em todos os caminhos, nos pateos de todas as casas. Introduzem-se por todas as portas e offerecem umas mercadorias que grande numero de vezes são igualmente apreciadas por amos e criados: um fragmento do rochedo da Nazareth, uma gotta d'agua do Jordão, um fragmento do santo lenho. Estes são os espiritos emprehendedores, os mestres em explorar as cousas santas; milhares d'elles vagabundeiam pelas provincias narrando ás multidões avidas o que viram nas suas peregrinações, os milagres que presenciaram. Uns mostram uma cruz de Troitsa; outros vendem bocados de pão consagrados por S. Jorge. Sabem tambem descrever Solovetsk e fallar com periphrases emphaticas dos corpos incorruptiveis de Pechersk.

Os condemnados que conseguem fugir das minas da Siberia vestem o habito e arrimam-se ao pau de peregrino. Assim transformado



VISTA GERAL D'ARKHANGEL — Desenho de H. Clerget, segundo uma photographia

um criminoso irá de Perm a Arkhangel sem correr muitos riscos, ainda mesmo que o seu passaporte seja falso e que o hombro tenha sido marcado com o ferro em braza. São de todos conhecidos os episodios dramaticos da evasão de Pietrowski e nas margens do Dwina conta-se um grande numero de historias d'este genero.

Eu dobrara o cabo Norte com a esperança d'encontrar estes ranchos de piedosos viajantes, de os acompanhar a Solovetsk, de os estudar, de me informar do «espectro do convento» e penetrar assim o mysterio que por tantos annos trouxe ligado este phantasma á familia Romanoff. Assim tambem o meu desapontamento foi grande quando, ao chegar a Arkhangel, soube que o ultimo rancho de peregrinos acabava de partir e que os navios não tornavam a atravessar o mar Branco sem que os gèlos se fundissem, em maio do anno seguinte.

Muito contrariado por ter perdido esta occasião d'estudar os costumes religiosos do paiz, percorria com passos rapidos a praça dos Peregrinos, situada na cidade alta, quando descobri um bom numero de pelles de carneiro não empilhadas no chão, mas cobrindo os hombros de gente com cara esfomeada e crestada, como em todas as estações se encontra nas costas da Syria. Estes homens, d'uma devoção exaltada, conservam mesmo com aquelles farrapos uma certa elegancia, um ar de dignidade. O espirito sempre preocupado com coisas profundas e transcendentales imprime aos seus gestos e palavras uma grande gravidade. O pobre velho que eu lá em baixo avisto, dirigindo-se para casa com um bocado de peixe secco, tem todas as apparencias d'um xeque arabe. Como eu estes peregrinos ficaram aqui demorados pelo tempo; mas o vél-os anima-me as esperanças de viajante curioso. Entre a alternativa de não mitigarem estas almas sequiosas dos logares santos e a de alimentarem os peregrinos durante alguns mezes estou convencido de que os frades de Solovetsk encontrarão meio de ainda mandarem um outro navio.

Um frade baixo — não tinha cinco pés — de cabellos annelados como uma creança, com a barba ondeada estava á entrada da praça dos Peregrinos; ser-me-hia difficil com o pouco que eu sei da lingua russa travar

com elle uma conversação, portanto unicamente lhe perguntei, onde poderia encontrar o navio de Solovetsk.

«E' inglez?» perguntou o frade.

Estas palavras pronunciadas na minha lingua causaram-me alguma surpresa; ainda não tinha aqui encontrado religioso algum que fallasse lingua que não fosse a russa. A' minha resposta affirmativa o frade retrucou: «O navio terminou por este anno as travessias, agora está na doca de Solovetsk.

Na doca! Este homem quer caçar; por que a reunião d'estas duas ideias, *frade e doca* n'um paiz, onde ha um molhe como o de Solombola, não póde deixar de ser uma brincadeira.

«Na doca!...

— Mas, sem duvida, na doca.

— Ha uma doca na ilha santa?!

— E por que não haveria? Os negociantes de Arkhangel não a tem, dir-me-ha. Isso é verdade; mas negociantes não são frades. Elles fazem commercio e nós trabalhamos. *Slava Bogu!* (Deus seja louvado!) um frade cumpre os seus deveres sem a mais nada olhar. Em Londres ha docas?

— Ha e muitas; mas não foram os frades que as construíram.

— Era justo. Em Inglaterra não existem ordens religiosas; antigamente havia-as lá e então levantavam edificios, não é verdade?»

Ora aqui está um personagem engraçado. O que! frades que trabalham? docas no mar Branco! Antes que tivesse voltado a mim do espanto, o frade deu-me no seu mau inglez, n'uma linguagem de marinheiros, uma noticia que sobre maneira me alegrou. Posto que o navio que transporta os peregrinos já estivesse ancorado em Solovetsk para ahi passar a estação d'inverno, um outro navio carregado de mantimentos devia partir para o mosteiro dentro d'oito dias.

«Poder-me-ha dizer onde encontrarei o capitão d'esse navio?

— Huum! respondeu lentamente o meu interlocutor, fazendo o signal da cruz e monologando baixinho uma reza, o capitão sou eu.»

Fiquei pasmado. Este homem que na Russia podia passar por um anão; este frade envolvido no seu habito, com cabellos annelados como os de uma mulher; este homem capitão d'um navio! Um outro relancear

d'olhos sobre a sua phisionomia fez-me notar que os olhos eram brilhantes, a côr bronzada, os dentes fortes e regulares. Apesar da tunica grosseira e da femeníl figura no frade adivinhava-se a resolução e coragem que convem a um capitão de navios.

«E póde dar-me passagem a seu bordo?»

— Ao senhor! E' inglez e deseja vêr os tumulos santos? E' singular! Nenhum dos seus compatriotas costuma ir a Solovetsk. Não véem aqui para rezar, véem para comprar e algumas vezes para nos fazerem guerra.

Estas ultimas palavras foram pronunciadas com voz surda, sibilante; pareciam uma ameaça. Involuntariamente recordei-me de ter ouvido, havia pouco tempo, a uma senhora, que vive em Onéga, contar que, querendo passar com alguns russos seus amigos uma semana em Solovetsk, achára prudente occultar a sua nacionalidade ingleza com medo de ser assassinada pelos frades. Isto sem duvida era o resultado da imaginação d'uma mulher; mas esta recordação causou-me um certo susto, quando vi o frade carregar as sobancelhas e fallar com ar sombrio dos navios inglezes.

«Em que sitio está o seu navio? que nome tem?»

— Está ancorado em Solombola, no caes dos Peregrinos! Chama-se *la Verra* (a Fé).

Com um outro frade, que evidentemente tambem era marinheiro, informei-me do nome d'este singular capitão.

«Ivan, respondeu-me este homem, especie d'Hercules do Norte, d'olhos vivos e ar intrepido; Ivan ou autes Vanouchka, porque é baixo e todos nós o estimamos».

Vanouchka é o diminutivo d'Ivan; litteralmente o pequeno Ivan (Joãosinho). Para nós, os estrangeiros, o capitão chama-se frei João.

Como devo passar em sua companhia os dez dias que se seguem, farei talvez bem em dizer já tudo quanto mais tarde soube d'este singular capitão d'amplo habito e de madeixas fluctuantes.

Frei João é filho d'estas regiões. Nascido n'uma aldeia da Laponia, no berço tinha por unica perspectiva o ser rachador de lenha ou pescador de bacalhau: vida rude e precária, unica conhecida dos pobres habitantes d'estes paizes. No verão devia arrancar arvores, segarervas; no inverno perseguir as pho-

cas, pescar bacalhau. Mas a criança era viva, intelligente; anceava por vêr novas terras e, lá bem para si, muitas vezes dizia que talvez um dia podésse ser capitão de navios eguaes áquelles que via nas costas da sua terra natal. Para realizar este sonho era preciso instruir-se e estudar. Uma duzia de leguas separava a choça onde nascera Ivan, de Kem, cidade antiga fundada nas costas da Laponia por colonos de Novogorod, a Grande; aqui havia uma escôla de navegação, muito rudimentar é verdade, mas mais valia isto do que cousa nenhuma. Ivan conseguiu lá ser admittido. Foi isto para a sua vida um passo decisivo.

De Kem avista-se, para o Oriente, um grupo d'ilhas altas e cobertas de vegetação, cujas praias á primeira luz da manhã brilham com formosos reflexos. Parecem attrahir com magicos encantos os que as fitam. Todas as planicies são tapetadas por avelludada verdura, todas as alturas são coroadas por uma igreja de cruz dourada: são as ilhas Solovetsk; durante a sua estada em Kem o joven Ivan foi lá uma vez em peregrinação. As luzes, a musica, a rica ornamentação do templo feriram-lhe a imaginação; os bons e succulentos alimentos não fizeram menor impressão no seu estomago. Sensações de bem estar e de felicidade, por esta occasião gravadas no seu espirito, nunca mais o abandonaram.

Fez os seus exames com bom exito, veio para Arkhangel e aqui levou uma vida um pouco estroina; depois tendo encontrado alguns marinheiros allemães do Baltico e tendo-lhes ouvido narrativas alegres, entrou com elle um ardente desejo de vêr novos paizes. Mas havia uma difficuldade. Nos portos russos os marinheiros eram raros; o imperador Nicolau tinha enviado para os portos do mar Negro todos os seus marinheiros e para um subdito moscovita era cousa assaz grave o deixar a patria sem auctorisação da policia. Ivan sabia que não alcançaria esta licença. Quando o navio allemão estava para largar ferro, Ivan, aproveitando-se da noute, escondeu-se a bordo e partiu sem ser descoberto.

O navio em que fugiu era o *Heroe* de Passenburgo no Hanover; as viagens d'este barco eram ordinariamente para os portos allemães e dinamarquezes, mas ás vezes tambem

carregava para o Tyne e para o Tamisa. Inscrito nos livros com um nome que não era o d'elle, frei João acostumou-se aos habitos dos seus camaradas; aprendeu a comer *ros-beef*, a beber cerveja de Munich, a levar a vida alegre e descuidosa do marinheiro. Comtudo nem a atmospheria pesada das tabernas, nem os ditos picantes dos seus camaradas lhe fizeram esquecer os conselhos de seu pae e do seu *pope*. Como o Suisso saudoso das suas montanhas ou o Egypcio do seu Nilo, Ivan sentia entranhadas saudades pela sua religião. Mas que podia elle fazer? Só o pensar em voltar a Kem o aterrava. O *knout*, a prisão, o trabalho nas minas era o que o esperava na sua patria.

Sem poder ter a consolação d'ouvir um padre orthodoxo, fallava aos companheiros na sua fé. Alguns riam-se; outros lançavam sobre elle uma catadupa de pragas. Todavia, um dia que estavam n'um porto, um velho marinheiro levou-o a casa d'um padre catholico. Durante quatro ou cinco minutos e por alguns dias frei João ouvia todas as manhãs uma cathechese de crenças romanas; mas no seu espirito as duvidas atropellavam-se e quando deixou aquelle porto, Ivan ainda não pertencia a nenhuma das religiões. No Levante encontrou todos os cultos reunidos: grego, romano, protestante, armenio; todos attrahiram a sua alma hesitante, mas nenhum d'elles a fixou e todavia elle sentia irresistiveis aspirações a uma vida melhor: tinha sêde de fé religiosa.

Por este tempo naufragou no golpho de Veneza e esteve tão perto da morte que, de mais em mais, começou a sentir a necessidade de se pôr em paz com a sua consciencia.

Alguns annos mais tarde uma outra tempestade esmigalhou o seu navio nas costas da Noruega; por duas vezes n'esse anno esteve para morrer afogado e salvou-se por milagre. D'esta occasião em diante foi-lhe impossivel viver sem religião e a sua alma cansada de duvidas, fatigada com indagações, voltou-se para a fé dos dias felizes da sua infancia. Mas o culto russo é severo: todo aquelle que não assistir regularmente ás ceremonias da egreja é riscado do numero dos fieis. Como satisfazer a esses preceitos rigorosos em terras estranhas?

Emquanto que, perturbado, agitava dentro de si estes pensamentos, proporcionou-

se-lhe uma occasião de voltar á terra de seus paes. O navio allemão em que andava foi fretado para Arkhangel por uma casa ingleza e como frei João era o unico marinheiro russo que estava a bordo podia n'aquellas paragens prestar excellentes serviços ao commandante. Esta noticia foi para Ivan causa d'uma grande perturbação. Desejava ardentemente tornar a vêr a patria querida, prostrar-se diante das reliquias dos santos venerados, dar a sua velha mãe uma pequena quantia que economisara; mas havia já doze annos que estava ausente, que fugira da Russia e elle bem sabia que por tal crime seria enviado para a Siberia. O medo teve mais poder; respondeu ao capitão que o não acompanharia e que deixava de fazer parte da tripulação.

Mas o capitão conhecia bem os homens e não deu a transacção por concluida. Devia a Ivan mil e quinhentos francos; disse-lhe que não tinha dinheiro e que n'aquelle momento não lhe podia pagar as soldadas; que em Arkhangel seria outra cousa, porque tinha de receber dinheiro á conta da carga que ia buscar. Diz um proverbio russo: *dinheiro só na mão*. Quando frei João mergulhou as mãos nos bolsos começou a pensar que mais lhe valia ir ao seu paiz receber as soldadas e vêr se podia sahir da falsa situação em que andava.

Como trazia a barba rapada e um outro nome poderia ter deixado Arkhangel sem ser reconhecido, se na vespera da partida não se tivesse deixado arrastar a uma taberna por alguns allemães da tripulação. Doze annos d'ausencia tinham-lhe feito esquecer o poder do *vodka*; bebeu de mais e quando na manhã seguinte despertou do pesado somno da embriaguez camaradas e navio tinham partido. Que fazer? Se se dirigisse ao consul allemão seria considerado desertor e castigado por ter abandonado o navio em que servia, se recorresse ás auctoridades russas não lhe applicariam o *knout* até ao assassinio? Não sabendo que fazer, errava por Arkhangel pesando-lhe muito o ter vindo. N'esta occasião encontrou um dos seus condiscipulos da Escola naval, Jacob Kollownoff, com quem mais tarde travei conhecimento. O condiscipulo de Ivan fôra feliz; era proprietario e commandante d'um elegante navio, no qual fazia longinquas e audaciosas viagens. Na semana seguinte devia partir para Spitzberg



A de Neville

C ZYPLANTE

FREI JOÃO, CAPITÃO DE LA «VERRA» — Desenho de A. de Neville, segundo uma photographia

á pesca do bacalhau, que mesmo a bordo salgava e ia vender a Cronstad. Jacob não se escandalisava por vêr um marinheiro beber um copo de maís; além d'isso sabia que João era um rapaz honrado e um excellente marinheiro; não teve difficuldade alguma em admittil-o a bordo. A pesca foi abundante e com muita felicidade aportaram a Cronstad; mas na viagem seguinte não lhes succedeu assim; o navio desfez-se d'encontro a um cachopo e com grande custo se pôde salvar a tripulação. Sem recursos, desanimado, João resolveu abandonar a vida do mar e mesmo entrar na Russia, acontecesse o que acontecesse.

Regressando a Kem com Jacob Kollownoff, por não ter os seus papeis em regra foi preso pela policia e atirado para um carcere onde esperou doze mezes o julgamento. A vida de preso não era mais difficil do que a sua vida de marinheiro; o Estado abonava-lhe seis *kopecks* por dia, o que era bastante para satisfazer as suas necessidades. Nunca o chamaram a juizo. O *starost* insinuou uma vez — talvez muitas — que algum dinheiro arranjaría o negocio, dando-se-lhe a liberdade. O magistrado ter-se-hia contentado com setenta e cinco rublos (pouco mais ou menos 45\$000 reis).

«Diz-lhe, respondeu João a seu irmão que lhe tinha transmittido a insinuação, que de mim não receberá nem um *kopeck*.»

Uma semana depois, n'um barco foi transportado de Kem a Arkhangel para cumprir, disseram-lhe, a pena de dois annos de trabalhos forçados no forte. Mas ou o *starost* tinha exorbitado e não tinha poderes para dar tal sentença, ou tinha mentido quem tal lhe dissera, pois que a policia d'esta segunda cidade o mandou pôr em liberdade.

A visão das ilhas santas, brilhantes d'ouro, de luz e de verdura voltou-lhe de novo á memoria; vivera a vida agitada do mundo, anhelava pelo repouso. Não é para admirar que elle tomasse o habito em Solovetsk.

O momento era opportuno para offerecer ao convento um habil marinheiro. Um vapor destinado ao transporte dos peregrinos tinha sido comprado em Glasgow, e logo que o barco chegou ao porto d'Arkhangel, Feofan o archimandrita de Solovetsk, despediu a tripulação ingleza e elle com os seus frades guarneceram o navio. A nova tripulação sen-

tia-se mal a bordo; persignaram-se; entoaram um hymno; mas como a machina não fuccionasse tiveram de pedir ao machinista escocez que voltasse ao seu logar.

Um machinismo feito por hereticos não podia obedecer á voz piedosa de frades. Durante o verão fizeram tres ou quatro viagens, pedindo conselhos aos marinheiros indigenas e familiarisando-se, pouco a pouco, com a faina de bordo. Um frade foi nomeado capitão e alguns outros dividiram entre si os differentes trabalhos. As cousas não corriam mal; Savatie e Zozime, os santos de Solovetsk, tinham sem duvida o cuidado d'affastar dos seus peregrinos os perigos a que se expunham, entregando-se ás mãos inexperientes dos frades.

Apezar de tudo frei João foi para o convento um verdadeiro dom celeste; porque emfim a viagem não era precisamente um divertido passeio e o mais religioso, o proprio archimandrita, quando navega no mar Branco pouco se importa saber que os seus santos o salvam por intermedio d'um homem que sulcou os mares menos abençoados e pacificos d'este mundo.

VII

UM NAVIO COM PEREGRINOS

Uma senhora que conhece o paiz metteu dentro d'um cesto todas as cousas de que uma cella monastica pôde deixar d'estar provida, e sobretudo as de Solovetsk; a boa dama fez-me o farnel com excellente chá, uma lingua de vacca, manteiga fresca, queijo, *ros-beef* e pão de trigo. Preparado assim o alimento do meu corpo e arranjado um pequeno leite que me havia de servir a bordo e no convento dirigi-me para o caes dos Peregrinos.

Ceguei ao embarcadouro, o unico que possui Arkhangel, embarcadouro primitivo em que os navios desembarcam os passageiros por meio d'uma prancha.

A elegante embarcação esperava, amarrada ao cabrestante por um cabo; uma cruz dourada encimava o mastro da mesena; uma bandeira religiosa ondulava no mastro da proa. Quatro lettras douradas que se pronunciam *Verra*, e que significam *a Fé*, reluziam na popa.

Frei João está sobre a coberta; dá em voz baixa ordens aos officiaes e aos marinheiros, os quaes na maior parte são frades; segundo commandante, dispenseiro, cosinheiro, machinista, todos estão vestidos com o habito.

No caes dos Peregrinos que é separado da rua por portas e calçado caprichosamente com fragmentos de madeira, está recentemente edificado um grupo de construcções monasticas; capellas, cellas, armazens, escriptorios, lojas, dormitorios; é uma segun-



PEREGRINO MENDICANTE - Desenho de A. de Neuville, segundo uma photographia

da praça dos peregrinos. Não podendo os vapores chegar á cidade alta, onde está situada a antiga praça, os frades conformaram-se com as exigencias do tempo, abandonaram as antigas construcções e fizeram outras junto do rio.

Uma multidão d'homens, mulheres, peregrinos, vagabundos, soldados pejam o caes

e cobrem o solo com cestos, peixe secco, caixas, mantas esfarrapadas, pelles usadas, barricas, pão negro; cinco ou seis frades, com semblante meigo e triste, perpassam pelo meio dos grupos; ajudam uma criança a embarcar, intervém para que um mendigo obtenha passagem gratuita, compram pães de centeio para um pobre coxo; n'uma pala-

vra soccorrem d'uma maneira commovedora e cheia de carinhos os mais miseraveis d'estes pobres sêres. Posto que a estação já estivesse muito adiantada, perto de duzentos peregrinos esperavam no caes, na esperança de poderem ir ás ilhas santas. A maior parte tem o dinheiro necessario para pagar a passagem; alguns são mesmo ricos. Uma duzia d'estes ultimos habitam em Arkhangel; muito occupados em junho, quando o porto está cheio de navios, aproveitam a estação dos gêlos e a viagem supplementar para a sua peregrinação. Cada passageiro traz um cesto com pão, peixe, uma caixa com chá, uma cobertura bem quente, um par d'umas grandes polainas de feltro que de noite se calçam por cima das botas. Os peregrinos do paiz vão munidos d'um pau, mas em lugar do cinto de coiro e da cabaça levam um *samovar* e um copo.

O preço das passagens é pouco elevado; na primeira classe seis *rublos* (3\$255 reis); na segunda quatro *rublos*; na terceira tres *rublos*. Este modesto preço é o bastante para cobrir as despezas d'ida e volta n'um precurso maritimo de cento e trinta leguas, entrando n'isto a hospedagem na casa dos *Hospedes*, e alimentação á meza redonda durante uma semana. Uns quinze peregrinos não teem real, vão talvez deixal-os no caes. Mas não, frei João tem por systema o não recusar passagem a quem quer que seja.

A sineta de bordo deu o signal de partir; tiraram a prancha d'embarque; começamos a viagem. No momento de largar, cem cabeças se inclinam, cem mãos fazem o signal da cruz e cada um dos peregrinos se encomenda a Deus. Enquanto desciamos o rio, mal se avistava uma igreja, os peregrinos novamente se persignavam; todas as cabeças se descobrem reverentemente, todos os labios murmuram preces. Alguns ajoelham-se na coberta; outros beijam os cabos, as cordas. Sobre tudo os homens mostram uma devoção ardente; as mulheres vão mais socegadas. As tripulações dos barcos de pesca saudam-nos quando passamos por elles; algumas vezes ajoelham; persignam-se e descobrem-se sempre. Muitos pedem-nos que rezemos por elles.

A brisa sopra do noroeste; no rio apenas se nos faz sentir pelo frio que nos penetra até aos ossos. Com o desprezo que um frade

tem pelas precauções, frei João não seguiu pelo canal de Maimax; mas tambem o navio cala pouco n'agua e permite que naveguemos pelo antigo braço que mais directamente leva ao golfo.

Antes de sahir do rio, a religiosa e previdente sociedade, teve o cuidado de fazer o seu chá e de comer *girkin* e pão negro.

A distribuição dos passageiros a bordo é bem simples. Um unico, tinha pago passagem de primeira classe e esse tinha para seu exclusivo uso a camara respectiva. Duas pessoas, um capitão de navios e sua esposa tinham bilhetes de segunda; este par sulcára os mares durante annos, fizera fortuna e agora ia pacificamente viver para Kem.

«Ah! disse-me a esposa, uma mulher alta e gorda, os senhores, os inglezes teem uma patria, onde muito agradável deve ser o viver; teem lá tão bom chá.... mas...»

O marido que em tudo tinha a mesma opinião da sua mulher concluiu a phrase.

«Mas é melhor viver em Kem; affirmo-lh'ó. Em Londres ha carne de vacca e *porter*; mas isso não basta. Os senhores não teem inverno nem verão; lá todas as estações se parecem; nunca ha calor nem frio. Que monotonia! Falle-me n'uma excursão em *trenó*, puxado por rangiferes n'uma planicie da Laponia com uma temperatura de trinta graus abaixo de zero. Isso sim, isso é que é prazer!»

O resto dos nossos companheiros de viagem, ricos e pobres, côxos e cegos, negociantes e mendigos, charlatães e santos estão reunidos na coberta e no porão; formam agrupações curiosas em que um pintor poderia achar modelos para um Torquemada ou para um S. João Baptista. Pelo seu vestir e dialectos conhece-se que vêem de todas as provincias do imperio; da Ukrania e da Georgia, dos montes Urals e da Crimeia, do golfo da Finilandia e das costas do mar Amarello. Ha-os que para chegar até aqui, caminharam mais d'um anno, no inverno pelas neves, no verão pelos areaes ardentes.

Muitos d'estes peregrinos mesmo os mais esfarrapados levam ao convento presentes de valor. Todos, conforme as suas posses depositam no mealheiro da igreja a sua offerta. Alguns são, por visinhos e amigos que não poderam fazer a viagem, encarregados de oferecer ricos presentes.

Chegando á barra encontramos numero-

soz barcos de pesca em grande perigo: os dois navios que eu vira na semana anterior vacillar como bebados, estavam completamente perdidos.

Embrulhado n'uma forte capa, propria para taes noites, frei João estava em pé sobre o banco do quarto, dirigindo como um marinheiro inglez a marcha do seu navio. Os frades arrostam com as tempestades cantando psalmos acompanhados em côro por soldados e peregrinos. O passageiro da primeira camara, que ia fechado no seu beliche veio por um momento expôr-se á neve e á chuva, porque as vozes d'estes entusiastas, invocando o céu no meio dos elementos que batalhavam furiosos, em nada se pareciam com as que elle estava acostumado a ouvir no mar. Muitos dos cantores estavam no porão apertados entre um sacco de centeio e uma barrica de farinha, outros soffriam horrivelmente com o enjôo; arrancavam gemidos como se estivessem para morrer; e todavia mais de metade d'estes infelizes, com os olhos fanaticos erguidos, acompanhavam com voz vibrante a austera harmonia d'este magnifico canto religioso. Era o hymno da tarde; não podem deixar mergulhar o sol nas aguas sem ter rendido ao Creador esta homenagem da sua fé.

No dia seguinte não houve aurora. Um homem annunciou na coberta que o sol tinha nascido; mas ninguem o pôde vêr. Um nevoeiro espesso que envolvia o navio apenas deixava chegar até nós os ruidos tempestuosos dos ventos e os aguaceiros frigidissimos. A *Fé* devia chegar á bahia de Solovetsk pelo meio dia; mas logo ao amanhecer frei João me disse que seria impossivel chegar ao porto antes das cinco horas da tarde.

Este ultimo limite já ha muito que passára. e nós ainda não estavamos nas Ilhas Santas.

Duas horas foram empregadas em procurar na costa logar, onde podessemos lançar ferro e eu notei com prazer que frei João não tinha preconceitos contra o uso da sonda. Ancoramos e sacudidos pelas vagas, mas abrigados do vento, passamos assim a noite em oito braças d'agua a um quarto de legua de terra. Um navio inglez veio dar á costa a curta distancia de nós; a tripulação salvouse, carga e casco perderam-se. Dois navios costeiros russos esmigalharam-se á nossa

vista; um d'elles partiu-se e foi a pique com todas as vidas que tinha a bordo.

Ao despontar da manhã, o vento amainou; a luz invadiu o céu pelo nordeste e no meio d'uma aureola rosea, ao longe, appareceram as verdes cupulas e as cruzes douradas de Solovetsk, d'essa ilha cuja vista encanta todos os olhos; a admiração dos peregrinos que fizeram trezentas ou quatrocentas leguas para a contemplar não é maior do que a do estrangeiro confundido no meio d'essa massa de devotos.

Saudando com as nossas orações o santo asylo e cingrando ao longo d'uma costa denticulada por rochedos e esmaltada por mimosa verdura, atravessamos, debaixo dos quentes e bemfasejos raios do sol, um curto canal em que as phocas brincam e as pombas voltejam amorosas. Emfim ás oito horas, por uma bella manhã d'agosto, a *Fé* ancorou n'uma bahia socegada, debaixo dos muros do convento.

VIII

AS ILHAS SANTAS

Solovetsk, a ilha mais importante d'um grupo situado a alguma distancia das costas da Coralia — grupo ainda não descripto e que as cartas apenas mencionam — é pequena, viçosa, com tres ou quatro leguas no seu maior comprimento e com duas ou tres na sua maxima largura. As aguas que se debatem raiosas n'este mar tempestuoso teem escavado profundamente as camadas do solo, abrindo pequenas enseadas e avançando sempre nas duas costas quasi se encontram no meio da ilha no logar em que se erguem os muros do convento. Apenas uma lingua de terra d'um terço de legua de largura separa a bahia oriental da bahia occidental.

A Ilha Santa está situada um pouco mais ao norte que Vatna Jokull, de baixo sessento e seis graus de latitude. As pequenas ilhas disseminadas em volta d'esta são numerosas e pittorescas; as costas, cobertas de musgo são guarnecidas por mattas de pinheiros e de betulas. Não apresentam como as da Laptonia e as da Coralia uma serie de linhas monotonas; formam cabos e téem elevações, uma das quaes muito bem pôde ser chamada montanha. Cada eminencia é coroada por

uma igreja branca de cupula verde e com cruz dourada. Sobre a mais alta das collinas ergue-se um templo, em cuja torre existe um pharol. Terra, mar e céu tudo impressiona; cada paisagem, depois da noute medonha que passamos, tem para nós um encanto e uma suavidade irresistível.

Seguindo o caes, em que desembarcamos com tanta commodidade, como se desembarcassemos em Douvres, notamos que, a par das bellezas da natureza em que a mão dos homens tanto trabalhou para as aformosear, as cousas mais insignificantes e communs são com disvelo tratadas.

Grupos d'homens, Laponios Carèlios, gente de todos os paizes vae e vem no caes.

Solovetsk além d'uma ilha encantada é tambem um fóco de civilisação. O caes d'embarque é espaçoso, o porto commodo. A' nossa direita fica a doca de que frei João me tinha fallado com tanta vaidade. A *Esperança*, navio melhor preparado para o transporte dos peregrinos do que a *Fé*, está desarmado. A' esquerda vê-se o pavilhão dos *Hospedes*, cujo aspecto elegante, gracioso e convidativo poderia facilmente sustentar comparações com os hoteis mais formosos dos lagos italianos. Ha tambem dous guindastes. Um caminho de ferro do porto para vastos armazens, transporta as mercadorias. Uma comprida muralha com portas e torreões estende-se ao longo do caes. Por detraz d'ella erguem-se o convento, o palacio, zimbórios e cruces. Uma escada da qual os primeiros degraus são molhados pelo mar conduz ás portas Santas; perto d'estas descobrem-se duas capellas construidas por promessas no logar em que Pedro o Grande e Alexandre II puzeram o pé ao desembarcar em Solovetsk.

Todos os edificios téem apparencias de solidez; muitos téem mesmo uma certa antiguidade, sem fallar nas muralhas e nas torres construidas de seixos tirados da profundidade do mar no tempo da rainha Isabel d'Inglaterra. O palacio, a igreja e a torre, construidos dentro d'este recinto, datam d'uma época mais remota que todos os outros trabalhos feitos pelo homem n'esta parte do globo. Um templo, o da Transfiguração, foi edificado muito tempo antes da muralha exterior. Um outro, o d'Ascensão, remonta aos tempos em que S. Filippe era o superior de Solovetsk. Ás bellezas archeologicas a Ilha Santa

junta o sentimento da arte e o brilho da côr. As capellas, construidas por promessa que, aqui e alli, surgem por entre os arvoredos, patenteiam um admiravel instincto das regras da perspectiva, das leis eternas do bello, e as cruces vermelhas, levantadas á beira mar, dão á paisagem tons commovedores, uma significação moral. Alguns frescos d'um trabalho grosseiro, mas não isentos de valor, ornãm a principal fachada da velha cathedral. Os arcos das portas estão decorados com iguaes pinturas; as torres e as cupulas das igrejas alegam a vista com a risonha côr verde e com dourados brilhantes.

Um zimbório azul, salpicado d'estrellas d'ouro, domina todos os outros edificios; os olhos dos peregrinos fitam-no com uma expressão de gratidão fervorosa. Corôa um novo templo levantado em commemoração do anno milagroso em que a armada ingleza foi vencida pela Mãe de Deus.

O convento tem um aspecto mais monumental e mais esplendido por dentro do que por fóra. Muralhas, pavilhão dos Hospedes, prisão, torres, igrejas, tudo é construido com tijolos e pedra. Não ha um unico portico ou corredor que não esteja adornado com pinturas o mais das vezes d'um estylo primitivo; mas apesar dos defeitos de execução, os assumptos, tirados das sagradas escripturas, produzem uma profunda impressão moral. As columnas e paredes, que separam o santuario do espaço destinado aos fieis, tem caracteristicos d'uma arte mais perfeita, ainda que os habituados a admirar unicamente as obras dos mestres italianos talvez não pudessem esconder sorrisos d'ironia ao contemplal-as. O desenho por vezes é fraco, os tons crus, o brilho do metal muito prodigalizado; comtudo, essas grandes superficies coloridas e douradas impressionam a vista e o cerebro, principalmente quando as lampadas estão accesas, os psalmos se entoam, o incenso arde, e quando os frades, com as suas amplas vestes, estão enfileirados deante das portas Reaes.

Um elegante edificio branco, abrigado pelos muros do mosteiro, junto das portas Sagradas, foi construido para commemorar um prodigio, e tem o nome de Igreja do Milagre. Um peregrino, que n'este logar comia um bocado de pão branco, dado por um *pope* caritativo, deixou cahir no chão algumas mi-

galhas. De repente um cão de estranhas formas lançou-se a ellas para as devorar, mas o pão parecia agitar-se nas fauces do monstro e fazer esforços para lhe fugir, como se, dotado de vida, sentisse repulsão e horror. O cão era o demonio. Muitas pessoas foram testemunhas da victoria do pão sagrado sobre o espirito das trevas, e os monges de Solo-

vetsk, para conservarem em memoria tão grande milagre, construíram um templo no logar em que elle se operára; foi erigido perto da bahia, entre as capellas de Pedro o Grande e a d'Alexandre II.

As excursões que nos dias seguintes fizemos embarcados, em carro e a pé pelas solidões d'este grupo d'ilhas, patentearam-nos



PEOFAN, ARCHIMANDRITA DO CONVENTO DE SOLOVETSK — Desenho de A. Neville, segundo uma photographia

sítios deliciosos, cujos encantos correspondiam plenamente ao que esperavamos depois do nosso entusiasmo ao desembarcar na bahia. Avistavamos a cada momento pequenos lagos; por toda a parte se viam mattas de pinheiros e de betulas. As arvores são formosas, os macissos de verdura estão cercados por sebes feitas com diversos arbustos e com flôres articas. Em diversos pontos encontram-se clareiras, d'onde a vista se espraia por algum valle viçoso, onde algum

lago formoso espelha a verdura que o enquadra. Aromas de feno embalsamam o ar e com este se mistura um perfume novo para mim e que, segundo dizem os meus companheiros, provém d'uma especie de algodoeiro muito abundante nos logares pantanosos. Em cada volta do caminho encontramos uma cruz delicadamente esculpida e pintada de vermelho; na extremidade de todas as verdas ha uma capella pintada de vivas côres, servindo d'asylo a um ermitão. Recolhido

e profundo silencio reina na terra e no céu. Mas a principal belleza d'estas arrebatadoras paisagens são os lagos. Mais d'uma centena se contam nas espessuras sombrias das frondosas mattas de pinheiros e betulas. O mais afamado de todos estes lagos é o lago Santo, que está atraz do muro do con-

vento e onde os peregrinos se banham logo que chegam; na minha humilde opinião o mais lindo é o lago Branco, rodeado de bosques e semeado d'ilhas, no caminho que leva á ermida de S. Savatie.

(Continúa).

COSMOGRAPHIA DOS LUSIADAS ¹

I

RARAS são as pessoas que possuem o estudo da astronomia, que depende de profundos conhecimentos mathematicos; mas ainda as ligeiras noções, e conhecimentos de geographia mathematica são hoje desprezados, e mal estudados nas aulas; prestando-se toda a attenção e pondo-se toda a sciencia na parte material dos mappas, sem conhecimento da sua construcção, latitudes e longitudes, olhando-se só á parte descriptiva da geographia politica, a que indevidamente chamam geographia physica. E d'esta parte, bem como da geographia mathematica, é triste o desprezo, como tenho tido occasião de observar nos exames finaes dos lyceus, desde que tenho sido nomeado, para as commissões dos ditos exames; ficando os estudantes sem a base para a geographia em geral, para outros estudos e para a intelligencia de algumas obras, que por ventura, precisem lèr. *Turp est ignorare, quod omnibus scire convenit. Ar.*

Por isso, apesar dos commentadores ao Poema do grande Camões, que não são vulgares, mas raros, e portanto pouco lidos; e porque, talvez, não concorde em tudo com elles na explicação da resumida, singela, mas exacta descripção da esphera celeste e seus movimentos, conforme o systema de Ptolomeu, ou antes do systema antigo, no canto decimo dos *Lusidas*, o que mostra que o Poeta, vasto em conhecimentos, tudo

o que estudara havia estudado bem, segundo o seu tempo, proponho-me dizer, francamente, como entendo essas *oitavas*: para o que darei, primeiramente, uma idéa do dito systema.

As espheras armilares ptolomaicas, usadas nas aulas de instrucção, não dão, sem muita attenção e difficuldade, uma idéa muito reduzida d'este systema.

Para auxillio d'elle, eis aqui, a que costumo construir mentalmente com os meus estudantes na aula de geographia, na primeira parte de cosmographia, ajudando-me, para isso de algumas figuras na pedra.

Suppunha Ptolomeu a terra o centro de tudo quanto ha creado, e para explicar os phenomenos dos dias, annos, estações, etc., etc., imaginou o mundo da seguinte forma.

Principiemos de dentro para fóra.

A primeira parte, elementar, compunha-se de terra, isto é, a parte sólida, chamada terra firme; de agua, os mares, lagos e rios; de ar, a atmosphaera; e de fogo, uma segunda atmosphaera ignea.

A segunda parte, etherea, compunha-se dos Ceus, ou de onze espheras concentricas, d'uma materia sólida, dura, mas hyalina, como o crystal de rocha, d'uma transparencia admiravel.

Tomemos, pois, um globosito de madeira que represente a terra com os seus continentes e mares. Seja possivel suspendel-o e tor-nal-o immovel no centro d'um globo de crystal, ou de vidro, de certa espessura. Teremos a terra no centro d'uma camada de ar de forma espherica, que representa a atmosphaera; conceba-se mais, entre esta camada de ar e a superficie interior do globo de vidro, outra camada de fogo. N'este globo de vidro pintemos ou colloquemos um globosinho que represente a Lua; e seja possivel, por um meio

¹ D'este notavel estudo, que já foi publicado n'um folheto por occasião de se celebrar o centenario de Camões, distribuiram-se tão poucos exemplares, que a direcção litteraria d'este jornal julga prestar um valioso serviço aos seus leitores republicando-o, para o que sollicitou auctorisação do seu erudito author.

qualquer, dar ao globo de vidro um movimento de rotação no sentido de occidente para oriente: a lua será levada por este movimento no globo, que, tendo acabado a sua rotação, terá completo o seu anno. Sobre este globo de vidro colloquemos um segundo, que ajuste perfeitamente, por todos os lados, com o primeiro no qual ponhamos o planeta Mercurio. Façamos girar, no mesmo sentido, este segundo globo, escorregando sobre o da Lua, que completará o anno de Mercurio, tendo acabado a sua rotação. Sobre este globo, ou esphera de vidro, punhamos outra igualmente justaposta, da mesma materia, girando no mesmo sentido, aonde poremos Venus. Outra igual, aonde collocaremos o Sol. Outra, com o planeta Marte. Outra, com Jupiter. E outra, aonde assentaremos Saturno, a qual, por distar mais do centro, isto é, da terra, e por isso, ser a maior, levará tambem mais tempo na sua rotação, e será este o anno maior dos planetas. Todas estas esferas transparentes, escorregando umas sobre as outras, de occidente para oriente, em tempos differentes, segundo a sua grandeza e proximidade da terra; fazendo os annos, ou as suas revoluções, maiores, conforme se affastam do centro.

Por cima d'esta esphera ajustemos ainda outra, aonde pintaremos as estrellas; e dêmos-lhe o mesmo movimento, que será muito mais vagaroso. Mais duas igualmente justas, uma sobre a outra, nas quaes nada ha que pintar. E sobre todas estas, outra da mesma sorte transparente e justa, cujos pólos estão no prolongamento do eixo da terra, emquanto os pólos do eixo das outras esferas estão na direcção dos circulos polares. Por isso, estes dois eixos cortar-se-hão em angulos de $23^{\circ} \frac{1}{2}$, cujo vertice será no centro da terra; e, portanto, a zôna, chamada zodiaco, aonde ficam as estrellas que formam as doze constellações, ou cazas do sol, bem como a ecliptica que passa pelo meio d'esta zôna, distando igualmente dos pólos d'estas esferas, será obliqua a esta ultima, e cortará tambem o equador em angulos de $23^{\circ} \frac{1}{2}$.

Depois d'esta ultima esphera, segue-se a do logar dos Bemaventurados, cheia de luz perpetua, resplandecente e clarissima. E, emfim, o Infinito, Deus, enchendo tudo e rodeando tudo.

Agora, começando de fóra para dentro,

daremos o nome e diremos o emprego d'estas differentes peças da grande machina do mundo.

Principio de tudo, Deus creador de tudo. Logar dos Bemaventurados e luz perpetua, divinizadora, para ser gozada por elles. Esphera do primeiro Movel, que, por ser perfeitamente justa sobre as outras, que se lhe seguem, e ter um movimento rapidissimo no sentido opposto ao de todas as mais, d'oriente para occidente, não dá tempo a poder escapar-se sobre ellas, mas arrasta-as a todas comsigo em volta da terra em 24 horas, levando portanto, tambem a esphera do sol, formando assim os dias e as noites; em tanto que todas as mais, incluindo a do sol, lá vão caminhando sempre de occidente para oriente, até completar cada uma o seu anno, ou a sua revolução em roda da terra.

Por estes dois movimentos descreve o sol uma espiral em torno da terra, cujas voltas podemos considerar como circulos paralelos ao equador, produzindo as estações, a igualdade e desigualdade dos dias ás noites, passando aquelle sobre o equador, ou affastando-se para o tropico do Norte, ou para o do sul; podendo dizer-se que descreve a ecliptica. Seguem-se o primeiro e segundo Crystallinos, assim chamados, por serem das esferas, inferiores a esta, as unicas vasias de quaesquer corpos; os quaes foi preciso imaginar e admittir; este, para explicar a differença da obliquidade da ecliptica, balanceando-se, e como que empurrando a esphera das estrellas um pouquinho, ora para o sul, ora para o norte; movimento de *trepidação*; mas continuando sempre o seu giro de rotação; aquelle, balanceando-se da mesma sorte, ora para o occidente, ora para o oriente, para explicar a divergencia em tempos differentes do periodo das estrellas. Este movimento era tão lento, tão vagaroso, que gastava um grau e pouco mais, emquanto a esphera do sol dava duzentas voltas; a de Jupiter quasi dezeseite, a de Marte cem, etc. Depois segue-se o Firmamento ou a esphera das estrellas, cujo movimento era ainda muito vagaroso, relativamente á esphera do sol, pois emquanto aquella dava uma volta, dava a do sol vinte e cinco mil oitocentas e dezeseis. Não quiz o Poeta dar uma lição de astronomia, mas simplesmente uma idéa do systema estudado no seu tempo: nem tão pouco explicar

cientificamente os movimentos e seus resultados, porque então não deixaria de explicar também os excentricos das esferas dos planetas, e os epiculos, para os Apogeos e Perigeos d'estes; o que se tornaria enfadonho e prosaico. Mas tendo de fallar dos caminhos

desconhecidos e terras descobertas pelos Portuguezes, precisava de dar a descripção da esphera terrestre, pedindo esta a descripção da celeste e o principio das coisas.

(Continúa).

AUGUSTO LUSO DA SILVA.

PELO MUNDO



EUROPA

A sessão do dia 6 ultimo na Sociedade de Geographia de Lisboa foi sem contestação extremamente importante e de muito proveitosa lição para todos que escutaram o socio Joaquim José Machado, major d'engenheiros, ha pouco chegado de Moçambique, onde desempenhou zelosamente o logar de director das obras publicas.

O snr. Machado fallou, como quem muito conhecia o assumpto, das riquezas do territorio de Lourenço Marques e encareceu a necessidade de construir o caminho de ferro que directamente ligasse Lourenço Marques ao Transwal. Aquellas regiões abundantissimas em minas que se não exploram, á excepção d'uma de cobalto, não pôde desenvolver estas fontes de receita, porque a falta de comunicação d'estes pontos com o littoral não consente que ellas sejam lavradas pela difficuldade extrema e enorme dispendio no transito dos productos até aos logares d'embarque.

Depois de ainda o snr. Machado se ter alargado em considerações para demonstrar que o traçado d'aquelle caminho de ferro, que mais conviria acceitar, era, sem duvida, o que partisse de Lourenço Marques, o proficiente engenheiro fez notar a alta importancia que ha na abertura do canal de Cuaca que permittiria o estabelecimento de comunicações permanentes entre o rio Zambeze e Quelimane.

Sentimos não poder aqui muito detalhadamente dar conta de toda a argumentação e de todos os dados de que se serviu o snr. Machado para evidenciar com muito rigor o grande proveito que Portugal tem a tirar d'aquelle pequena porção das suas colonias, porque se o fizéssemos, lograríamos levar ao espirito dos nossos leitores a muita fé sobre a prosperidade futura da patria que o distincto engenheiro implantou no nosso espirito.

Faz bem ouvir discursos d'aquelles, quando muita gente por ahí anda a duvidar das forças do paiz e a annunciar para proximo o desmoronar da nossa nacionalidade.

Trabalhemos com fé, desempenhemos nas colonias a nossa missão civilisadora e muitos dias de gloria ainda aureolarão o nome portuguez.

— A sociedade de geographia de Marselha honrou Portugal conferindo ao nosso compatriota Serpa Pinto a medalha d'honra que annualmente costuma votar aos grandes exploradores.

A medalha é d'ouro e tem d'um lado os emblemas da geographia e do outro a seguinte dedicatória:

*La Société de Géographie de Marseille
au major Serpa Pinto*

ASIA

Leão Cahun, a quem o governo francez confiou uma missão scientifica na Syria embarcou a 10 de setembro em Marselha e a 18 tinha chegado a Latakieh (Loodikea). Para aclimar e acostumar á vida nomada os seus companheiros fez algumas excursões nas montanhas do Libano. Tendo regressado a Latakieh organisou a caravana; tarefa muito complicada, porque d'esta organização depende não só o exito da missão, mastambem as vidas dos viajantes.

Depois de formada a caravana, Leão Cahun devia dirigir-se para Alep, mas estava ainda indeciso sobre o caminho que tomaria visto o estado de perturbação em que estava o paiz. Hesitava entre o caminho por Sehoga e Richa e o caminho directo d'Antakieh. Antakieh é a famosa Antioche tão celebre na historia da Silencia e nos annaes das cruzadas.

De Alep, onde agora já deve estar, Leão Cahun marchará para o Eufrates.

— O professor Sayce deve ainda este mez deixar a Inglaterra para fazer uma excursão scientifica ás ilhas de Rhodes, Chypre e á Phenicia. Demorar-se-ha especialmente em Tyro e em Ouady Akkabah para examinar alguns fragmentos prehistoricos recentemente descobertos por M. Loret.

AFRICA

Ballay, medico da marinha franceza e Mizon guarda-marinha deixaram Pariz a semana passada para irem embarcar no Havre com destino ao Gabão, tentando na bacia do Congo uma exploração para o que o parlamento francez votou na ultima sessão uma somma de cem mil francos.

Encontrarão alli Savorgnan de Brazza. O guarda-marinha foi encarregado de fundar em Machado, na linha que divide as aguas do Ogooué e as do Congo uma estação. Brazza e Ballay em dois barcos a vapor descerão o Alima e alcançarão o Congo que explorarão miudamente.

— O *St. Petersburger Zeitung* noticia que o doutor Punker, seu compatriota muito conhecido pelas suas viagens na Africa, pôde penetrar até Niam-Niam graças á coadjuvação que o *pachá* Hesis lhe prestou. Na residencia de Rdorouma foi multissimo bem recebido. Junker propõe-se fazer excursões para o sul em regiões completamente desconhecidas e conta encontrar ao sul de Dar-Fretis a terra d'Adaman, habitada por musulmanos e de que os indigenas lhe affirmam a existencia.

AMERICA

O numero dos emigrantes chegados a New-York durante o mez d'outubro elevou-se a um numero extraordinario e sem precedentes, para equal periodo dos annos anteriores. Durante os 31 dias do passado mez d'outubro aportaram áquella cidade 30:697 emigrantes, mais 14:600 que em equal mez do anno de 1879.

A grande affluencia dos emigrantes foi causa de que as linhas dos caminhos de ferro só com muita difficuldade podessem effectuar o seu transporte para o Oeste. Organisaram-se nas linhas d'Erié, New-York central e Pensylvania comboios supplementares que levaram para os estados do Oeste 4:000 emigrantes.

O quadro comparativo, que em seguida publicamos, mostra exactamente o numero dos emigrantes durante os dez primeiros mezes dos annos 1879 e 1880:

	1879	1880
Janeiro	2:190	5:677
Fevereiro	2:786	7:904
Março	6:108	21:094
Abril	11:433	45:578
Maió	18:395	54:705
Junho	15:939	42:027
Julho	12:400	25:382
Agosto	12:150	25:321
Setembro	14:804	26:942
Outubro	16:097	30:697
Total	112:302	285:327

O anno de 1880 apresenta um augmento de 173:025 emigrantes. E se em vez de consultar as estatisticas d'estes dez mezes de 1880, se examinarem as estatisticas do ultimo exercicio financeiro que nos Estados-Unidos é tambem de 30 de junho de 1879 a 30 de junho de 1880 vér-se-ha que entraram n'aquelle paiz 455,495 emigrantes.

Lisboa, 10 de dezembro.

A. L.

A RUSSIA LIVRE

(Continuado do numero antecedente)

IX

OS SANTOS DE SOLOVETSK: SAVATIE
E ZOZIME

UMA regra da ordem exclue a mulher do archipelago sagrado. É isto devido a Savatie, o primeiro anachoreta d'estas ilhas.

N'um dia que resava perto d'um lago ouviu um grito, que parecia ser d'uma mulher afflicta. Entrou na sua cella e deu parte do estranho caso a um religioso que o acompanhava na sua solidão. O companheiro affirmou-lhe que deveria ter sido um sonho, porque n'aquelle deserto não havia mulheres e as costas da Corelia eram distantes. O santo sahio de novo para rezar; mas mais uma vez as suas devoções foram interrompidas por gritos e soluços lacrimosos. Caminhando em volta do lago para vêr se descobria d'onde partiam aquelles prantos angustiosos, encontrou uma joven Carelia estendida no chão, com o corpo maltractado, as costas ensanguentadas por feridas recentes. Era a mulher d'um pescador. Ás perguntas do santo respondeu que dous homens vestidos de branco e com as faces resplandecentes de luz tinham, de repente, no momento em que seu marido se affastava, apparecido diante d'ella; que lhe tinham ordenado o sahir da ilha, que mulher alguma alli devia passar a noute, porque aquelles logares pertenciam a Deus. E como ella tivesse recusado obedecer-lhes, elles lançaram-na por terra e vergastaram-na.

Quando pôde andar a pobre creatura partiu no seu barco, e S. Savatie não a tornou mais a vêr. O pescador continuou a vir pescar a Solovetsk; mas, d'ahi em diante teve o cuidado de vir só. Foi assim que a mulher foi expulsa da Ilha Santa pelos anjos. Á difficil elevação, em que se ergue a igreja com o pharol, ainda hoje se chama a *Collina das vergastadas*.

S. Savatie era um frade do mosteiro de Belozersk, em Novogorod. Aspirando a uma vida mais austera do que a que levava no

seu convento, a uma solidão mais completa, convenceu a um dos seus irmãos da ordem, chamado Valaam, a que o acompanhasse aos desertos visinhos do mar Glacial. Os boiardos dirigiam então para o norte as suas vistas ambiciosas e o seu espirito emprehendedor; homens, ardendo em fé e no amor de Christo, não poderiam soffrer o que os boiardos supportavam por amor do ouro?

Depois de ter passado a noute rezando nas capellas, estes nobres e estes negociantes corriam ao seu arcebispo e diziam-lhe: «O' Vladika, consenti que cavalleiro e cavallo partam a conquistar para Santa Sophia novos dominios». Depois, cheios d'ardente enthusiasmo, iam fundar em Kem, em Soumo, em Soroka e em outros pontos, colonias que augmentavam o poder e a prosperidade de Novogorod a Grande. As façanhas dos boiardos excitaram Savatie a seguil-os e a fecundar com seu trabalho as terras que se iam abrindo á actividade das gentes corajosas.

Abrindo caminho atravez de florestas virgens e de areas enormes, o santo e o seu companheiro Valaam chegaram, em 1429, ás margens do Vieg, e ahi encontraram um frade de nome Germano, que tambem viera do sul. Todos tres viraram então os seus olhos para o oriente, e, descobrindo um grupo de ilhas no meio da immensa solidão do mar, construíram um pequeno barco para atravessar o espaço que d'ellas os separava. Savatie e Germano desembarcaram na ilha maior e pararam á beira d'um lago situado ao pé de uma collina, em que os pinheiros e as betulas cresciam vigorosas. A collina era alta; do vertice podia vêr-se uma multidão d'ilhas disseminadas pelo golpho, desde o cabo Orloff até ás costas do Kem.

Savatie trouxera comsigo uma imagem da Virgem, á qual ainda não era attribuido um poder milagroso; dependurou-a n'uma capella construida de tabuas grosseiramente preparadas. Perto edificou para elle e para o seu companheiro, uma cabana, em que elles passaram uma vida santa e socegada, unicamente occupados em entreter nas suas almas puras o amor por Deus. Depois de te-

rem passado seis annos n'estes logares, Germano voltou ás margens do Vieg; Savatie, vendo-se assim só no meio do oceano, assustou-se ao pensar que na hora da sua morte não teria um padre que o confessasse e quem piedosamente escondesse na terra o seu corpo frio. De novo embarcou no seu barco e voltou a Soroka, onde o padre Nathaniel, prior que, por acaso, estava n'esta povoação, lhe administrou o viatico. O santo concluiu a sua obra n'este mundo: descançou eternamente.

O seu corpo foi enterrado nas areias de Soroka, e por cima do seu tumulo erigiram uma capella de madeira debaixo da invocação da Santissima Trindade. Savatie para sempre aqui teria ficado se um homem corajoso, e tambem santo, não tivesse dirigido os seus passos para esta terra predestinada.

Um animoso aventureiro de Novogorod, chamado Gabriel, vivia com sua mulher, Barbara, na nova aldeia Tolvin, perto do lago Onega. Os dous esposos tiveram um filho chamado Zozime, que, chegado á maioridade, distribuiu os seus bens pelos parentes, e, pegando no bordão de peregrino, partiu para o norte. Em Suma encontrou Germano, que lhe fallou da vida que durante seis annos levára no seu deserto, sobre um penedo perdido no meio da solidão das aguas. Zozime, vivamente impressionado com a narrativa, decidiu Germano a que lhe fosse mostrar o logar em que elle e Savatie por tanto tempo tinham vivido. Embarcaram os dous. Vento favoravel levou-os para além de Zaeta a uma bahia bonançosa; saltaram em terra. O solo, abundante em seixos, era sombreado por formoso arvoredos; os peregrinos bem depressa conheceram que não só tinham perto de si o mar immenso, mas tambem um limpo lago de profundas aguas, perfeitamente doces, onde toda a qualidade de peixes abundava.

Emquanto que Zozime de joelhos rezava, teve uma visão milagrosa que lhe accendeu n'alma o desejo de, n'esta ilha deserta, estabelecer uma colonia religiosa sobre as margens d'esta espelhante massa d'agua a que mais tarde se deveria chamar o lago Sagrado. Viu, como n'um sonho, um imponente edificio religioso coroado por zimbórios formosos e por flexas elegantes. Quando despertou do extasis, narrou ao seu companheiro Germano o que lhe succedera; descreveu-lhe as

altas muralhas, os grupos de flexas e de cupulas, as portas santas; n'uma palavra pintou o convento em todo o esplendor da sua actual belleza. Os piedosos viajantes immediatamente cortaram uma arvore e armaram uma cruz que levantaram sobre esta terra, afim de consagrar a Deus esta ilha, onde acabavam de desembarcar, verde oasis escondido no meio d'este deserto de gelo. A posse para Deus d'esta ilha teve logar em 1436, um anno depois da morte de Savatie.

Os dous anachoretas construíram cabanas junto da cruz que tinham erguido. No logar onde estiveram estas ermidas estão hoje capellas.

Depressa voou a fama das virtudes d'estes novos ermitões; de todos os lados, das regiões do norte, vieram monjes reunir-se a elles trazendo braços vigorosos e almas entusiastas para ajudar aquelles servos de Deus na obra que tinham apprehendido. Um templo dedicado ao Deus vivo depressa se ergueu ao lado da cruz de madeira e, como nenhum dos trabalhadores tinha ordens, mandaram ao arcebispo de Novogorod um mensageiro pedindo-lhe que abençoasse a sua obra e que lhe enviasse um sacerdote que no novo templo celebrasse o santo sacrificio da missa. O prelado satisfez-lhes o desejo: Pael, seu particular, fez a viagem a Solovetsk e benzeu a egreja; mas, sendo o clima extremamente rigoroso para elle, foi obrigado a abandonar aquellas regiões. Deram-lhe um successor chamado Theodosio; Ivon foi o terceiro prior das ilhas Santas. Ambos por muitos annos alli viveram e só voltaram para Novogorod, quando as doenças começaram a acabruhar aquelles corpos abatidos pela idade e pelos sacrificios.

Depois da partida de Ivon, a communiidade reuniu-se em capitulo; era evidente que quem tivesse envelhecido no clima de Volkthoff não podia resistir ao rigoroso clima do mar Branco. Os religiosos pediram, que d'entre elles fosse tirado o superior da communiidade e unanimemente foi escolhido Zozime que sempre tinha sido a alma, o verdadeiro guia da colonia.

Uma distancia não menor de trezentas e cincoenta leguas separa as costas do mar Branco de Novogorod. Zozime fez o caminho a pé n'esta região desprovida d'estradas e chegou com felicidade á grande cidade, onde